



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

GIULIA LORENZINI NOGUEIRA

**“SE A ÁRVORE TÁ PODRE, IMAGINE NÓS”:
ECOFEMINISMO E CUIDADO NA PANDEMIA**

SÃO PAULO

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

GIULIA LORENZINI NOGUEIRA

**“SE A ÁRVORE TÁ PODRE, IMAGINE NÓS”:
ECOFEMINISMO E CUIDADO NA PANDEMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia, da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Beltrina Côrte.

São Paulo

2021

Dedico este trabalho a quem veio antes,

a quem está aqui

e a quem ainda está por vir.

AGRADECIMENTOS

À Vida.

À minha mãe e ao meu pai, por me confiarem e criarem gente.

Às minhas famílias de sangue, por nascença ou convivência, pela chama viva e constante de nossa ancestralidade: Lorenzini, Nogueira, Morelli, Hernandez.

À Sofia, Luigi e Luca, pelas suas criancices, por ressuscitarem em mim o olhar atento ao que realmente importa.

Às minhas famílias de mangue, pela sustentação da rede maravilhosa: o nosso lugar de encontro é este imenso berço fértil de biodiversidade afetiva.

Às entrevistadas, por me abrirem as próprias intimidades na feitura deste compilado testemunho de tempo histórico.

À Beltrina, por sua sabedoria alegre, pela orientação firme e carinhosa.

À Marilda, pela paciência no desenrolar de quando esta pesquisa era apenas projeto.

À Arte, por generosamente dividir minha força de trabalho com a Psicologia.

Às coletividades que cotidianamente soltam um parafuso da máquina que mata, pela inspiração que fortalece e liberta.

À cada território que me cruza e compõe.

A você, que neste exato instante lê o que criamos.

À Vida.

Parem com tanta estupidez

Deixem a vida continuar

Deixem a mata virgem, virgem

Vivo o rio, o mar

Deixem a Amazônia viva

Deixem-na respirar

Água, terra e ar e então

Sangue a correr, só no coração

(Deixa Viver - Socorro Lira)

NOGUEIRA, Giulia Lorenzini. *Se a árvore tá podre, imagine nós: ecofeminismo e cuidado na pandemia*. Orientadora: Beltrina da Purificação da Côrte Pereira. Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2021, pp. 71.

RESUMO

Ao encarar a Covid-19 como perpetuação brusca e pontualmente perversa de um processo civilizatório já antes em curso, o presente trabalho enfocou a dimensão socioecológica da pandemia em interface com problemáticas de gênero. Teve por objetivo geral compreender a forma pela qual mulheres trabalhadoras, inseridas em contextos dos mais diversos, cuidaram de si mesmas e de seu entorno durante o período pandêmico. Para tal, foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas com cinco participantes de faixa etária, raça, local de moradia e profissão variadas. Encontrou no ecofeminismo, que situa a exploração da natureza e a opressão contra as mulheres vinculadas a raízes de males comuns, o apelo a uma proposta ética que se opõe à naturalização das formas de dominação próprias ao modelo predatório capitalista-patriarcal. Como objetivos específicos, estabeleceu diálogos entre as vivências narradas por cada uma das entrevistadas e procurou desvelar, a partir do discurso delas, se a tal pandemia haveria ocasionado no distanciamento e/ou na aproximação de práticas alinhadas à lógica da cooperação e do cuidado, próprias à éticas (eco)feministas. A análise do material colhido, que abarcou, mas também superou a delimitação temática inicial, foi repartida em categorias: a Covid-19 em si; o cenário político pandêmico brasileiro e a negligência do cuidado; práticas de cuidado; reflexão ecofeminista.

Palavras-chave: Covid-19; Cuidado; Ecofeminismo; Feminismo; Trabalhadoras.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	2
1. FEMINISMO, ECOLOGIA E PANDEMIA.....	7
2. MULHERES BRASILEIRAS NA COVID-19.....	13
3. O QUE DISSERAM EM 2020.....	23
4. METODOLOGIA.....	27
4.1 Participantes e Procedimentos.....	27
5. O QUE DIZEMOS EM 2021.....	31
5.1 “Ela se chama corriqueira, porque ela corre que é uma beleza atrás da pessoa que ela quer pegar”	31
5.2 “A ganância deu no que deu. Então todo mundo paga por isso, aqueles que não tem pecado e aqueles que tem pecado”	35
5.3 “Não estando em lugar que tem muita gente e cuidando de mim mesma, que aí assim eu acabo cuidando dos outros”	42
5.4 “Agora tem um monte de vaso na casa e antes não tinha vaso nenhum”	48
6. ONDE ESTAMOS, PARA ONDE VAMOS?.....	53
REFERÊNCIAS.....	56
ANEXOS.....	62

INTRODUÇÃO

Era final de 2019 quando primeiro escutamos sobre o vírus. A China registrava, ainda que com timidez, casos cada vez mais expressivos de pessoas contaminadas por um microscópico organismo com gosto por atacar uma série de órgãos do corpo humano e causador de doença altamente contagiosa via convívio social. Até então, uma onda epidêmica do outro lado do mundo não significava nada no Brasil a não ser alguma compaixão pela dificuldade alheia. Pouco depois da entrada em 2020, a globalização mostrou sua potência catalisadora: trânsitos cotidianos entre países orientais e ocidentais colocaram a Itália em preocupante estado de calamidade pública, com as vizinhanças europeias não muito menos aterrorizadas. Pessoas brasileiras vindas do exterior traziam na bagagem não apenas o novo coronavírus em si, como notícias do que os seguintes meses nos prometiam.

Em questão de semanas o mundo para além das fronteiras ruiu e, aqui dentro, os primeiros corpos infectados pela doença já enchiam hospitais. No dia 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde anunciava se tratar de uma pandemia, enquanto as recomendações por isolamento social se intensificavam hora após hora e compromissos iam sendo todos desmarcados sem previsão de retomada. De um dia para o outro, “fique em casa” com álcool em gel virou o lema dos governos minimamente alinhados à promoção de saúde da população e o cotidiano conhecido desapareceu: instituições fecharam as portas, comércios faliram, transportes públicos saíram de circulação e abraços ou beijos foram estritamente proibidos. Quem não tinha casa para morar ou sequer água para lavar as mãos persistiu na luta por tentativas de sobrevivência, calando quem ainda acreditava na falácia da pouca expressividade da desigualdade social no Brasil. Nos faltou literalmente o ar e muitas vidas já haviam morrido, sem velório e por sorte registradas no cartório. Era o início da nova era, o luto infinito pela realidade pandêmica aparentemente sem fim.

Diferente de profissionais da saúde atuantes na linha de frente ao combate da Covid-19, a quem devemos a nossa vida de sobreviventes enfim, a Psicologia foi das grandes responsáveis pela persistência das existências entre o silêncio por detrás das paredes. Seja através da forçada migração de atendimentos para a modalidade virtual ou da criação de dispositivos clínicos comunitários antes inimagináveis, psicólogos¹ sustentaram o terror e a solidão de cada vez

¹ Termo utilizado no trabalho para designar todas as pessoas formadas em Psicologia. Advém da linguagem neutra (ou não binária), cujo objetivo é tornar inclusiva a língua portuguesa a quem não se reconhece no uso do masculino genérico.

mais pessoas à procura de suporte terapêutico. É neste cenário que encontrei algum acalanto apesar, no semblante de pessoas queridas através da tela pequenina de um celular, na companhia familiar, na claridade da cozinha de minha casa e na constante recriação do ofício artístico-espiritual de ir me mantendo gente.

Entre as difíceis mazelas que a migração súbita de uma graduação presencial à obrigatoriedade virtual nos proporcionou, não enlouquecer completamente por passar o dia inteiro na frente de uma tela, tentar manter algum vínculo com os campos de estágio e inventar um projeto de pesquisa para o TCC eram minhas principais preocupações acadêmicas no início da pandemia. Antes do vírus nos revolucionar, eu pretendia vincular as artes com o feminismo; tema que abandonei também por acreditar se tratar de um dos gigantes temas de minha vida inteira, não de uma pesquisa que precisaria entregar para me formar psicóloga. Então, foi só o coronavírus chegar que me pareceu impossível não relacionar tal projeto à realidade mais gritante que estávamos vivendo.

Por algum acaso certo, entrei em contato com uma reportagem na qual a antropóloga Débora Diniz (PASSOS, 2020) declarava que o mundo pós-pandemia teria valores feministas no vocabulário comum, na mesma semana em que ouvi de feministas comunitárias² que a luta pela libertação das mulheres deveria ser necessariamente a luta pela libertação da terra. Pesquisei por referências, passando dias e noites encontrando material sobre ecologias e feminismos, até que me deparei com a existência do Ecofeminismo. Tal epistemologia feminista, ao cruzar intimamente discussões ecológicas com as feministas, me pareceu uma das possíveis sínteses do rumo que sempre procurei tomar em minha militância e não havia antes conseguido por puro desconhecimento. Vivendo a Covid-19, me interessando pelas discussões ecofeministas e me sentindo obrigada a delimitar um projeto de pesquisa o mais pertinente possível para uma graduação em Psicologia neste tempo histórico, respirei fundo e fui juntando as peças.

Se esta pandemia, assim como boa parte das outras que já acometeram humanos, foi fruto de séculos de ação antrópica devastadora sobre a Terra, a reflexão ecológica se mostrou urgente. Ao mesmo tempo, o que o vírus visita são sociedades desiguais do século XXI, escancarando mais que nunca o fruto de séculos de relacionamentos embasados na violência

² O Feminismo Comunitário, ao contrário de derivar do movimento feminista branco eurocêntrico, é fruto da luta de mulheres latino-americanas principalmente vindas de povos originários. A boliviana Julieta Paredes e a guatemalteca Lorena Cabnal são duas das feministas comunitárias que já entrei em contato.

entre pessoas, grupos e nações. Se mulheres são historicamente injustiçadas na divisão sexual do trabalho, por exemplo, não é de se espantar que elas sejam as mais afetadas pela presente crise: são maioria entre as profissionais de saúde nas linhas de frente e de trás do combate, entre as trabalhadoras informais que perderam seu sustento e entre as que realizam trabalhos domésticos nada ou pouco remunerados. No caso das últimas, o cenário é tão desesperador quanto os outros, mas ainda frequentemente invisível. O cuidado, ofício primordial para a sustentação da vida e geralmente delegado a mulheres, ganha visibilidade especial durante a pandemia quando se trancar com a família dentro da própria casa faz com que as tarefas ali se acumulem em velocidade inigualável.

Lamentando a destruição de nossa terra e humanidades, me esperançando com o movimento ético que vai na direção contrária de tal desalento e querendo conhecer as realidades de outras mulheres nesta época, enfim crio “*Se a árvore tá podre, imagine nós: ecofeminismo e cuidado na pandemia*”. O objetivo geral é a compreensão da forma pelas quais mulheres trabalhadoras cuidam de si mesmas e de seu entorno durante a pandemia Covid-19. Por sua vez, os objetivos específicos são o estabelecimento de diálogos entre as vivências das diferentes participantes da pesquisa, bem como possíveis distanciamentos ou aproximações dos cuidados emergentes em período pandêmico com uma proposta ética ecofeminista. A explícita frase que nomeia a pesquisa foi entoada por uma das participantes, na ocasião de sua entrevista, quando refletiu sobre a pandemia dizendo que “até as árvores tão caindo, porque tá tudo podre. Se a árvore tá podre, imagine nós... Que somos ser humano, que nós respiramos o ar!”.

Acredito que desde 2017, quando entrei na PUC-SP, a vivência universitária foi me apontando de diferentes perspectivas a urgência da construção de Psicologias plurais, vivas e modestas quanto às suas verdadeiras possibilidades de transformação social. Conhecer a história da ciência e da profissão significou pegar para nós, enquanto novas gerações psi, o compromisso de ir desmantelando a arrogância médica que frequentemente ocupamos e/ou nos chamam a ocupar, em prol da bem aventurança das humanidades e dos encontros em si. O nosso mais recente chamado se alinhou à produção responsável de conhecimentos e prestação de serviços promovedores de saúde e, portanto, se corporificou em postura combativa frente às violências estruturantes de uma organização social adoecida. Nesse sentido, considero que a relevância acadêmica do presente trabalho se concentra na produção de um conhecimento em Psicologia diretamente vinculado à experiência real de pessoas nada mais nada menos que vivendo suas vidas cotidianas. Aqui tenho o privilégio de entoar preciosas vozes que, juntas e

entrelaçadas, encarnam íntimo testemunho histórico, principalmente para o situar futuro das gerações que venham a desconhecer a vivência da Covid-19.

Assim como psicólogos foram em suas atuações cotidianas sustentando o terror e a solidão de seres humanos contemporâneos vivendo uma pandemia devastadora, eu psicóloga em formação sustentei alguns de meus próprios terrores e solidões através do empenho em uma pesquisa que visou se aproximar de outras pessoas e seus terrores e solidões por estarem vivendo a mesma pandemia devastadora. Mesmo assim, mais do que ser íntima do terror e da solidão pandêmica, a pesquisa se concentrou no cuidar e no posterior reconhecimento de propostas éticas alinhadas ao bem-estar coletivo. Mais do que dialogar com a morte, o conhecimento aqui apresentado procurou manter atenção principal ao cuidado da vida. Não é (ou deveria ser) este o esforço básico da Psicologia?

A presente criação é repartida, nesta ordem, entre capítulos conceituais, exposição da metodologia de trabalho, análises elaboradas a partir das falas das entrevistadas e considerações finais. “Feminismo, ecologia e pandemia” apresenta o multiverso crítico e esperançoso que embasa a possibilidade de entrelaçarmos a Covid-19 com o cuidado e o ecofeminismo. Para tal, menciona de uma leitura ecológica da pandemia até a crítica feminista à divisão sexual do trabalho. Já “Mulheres brasileiras na Covid-19” situa quem lê na macro realidade de mais de 2.500 mulheres diferentes das cinco aqui entrevistadas, ao ser simplesmente a síntese de um relatório elaborado por duas organizações feministas ainda nos primeiros meses pandêmicos. “O que disseram em 2020”, sendo a revisão de literatura (dada a contemporaneidade do tema), dá a conhecer produções científicas anteriores à presente elaboração e é dividida em grupos temáticos: Ecofeminismos, Cuidado e gênero, Coletividades e Cuidado de si.

A metodologia apresenta as participantes e descreve os procedimentos adotados para a viabilização da pesquisa, ao passo que “O que dizemos em 2021” é a análise dos conteúdos abordados nas entrevistas. É capítulo que convida a presenciar conversa possível entre as entrevistadas, na medida em que entrelaça as falas delas umas com as outras, bem como com a bibliografia apresentada nos capítulos conceituais e materiais adicionais. É dividido em quatro seções que, por sua vez, são nomeadas por frases entoadas por quatro diferentes participantes: “Ela se chama corriqueira, porque ela corre que é uma beleza atrás da pessoa que ela quer pegar” (a Covid-19 em si); “A ganância deu no que deu. Então todo mundo paga por isso, aqueles que não tem pecado e aqueles que tem pecado” (o cenário político pandêmico brasileiro

e a negligência do cuidado); “Não estando em lugar que tem muita gente e cuidando de mim mesma, que aí assim eu acabo cuidando dos outros” (práticas de cuidado); “Agora tem um monte de vaso na casa e antes não tinha vaso nenhum” (reflexão ecofeminista).

Por fim, “Onde estamos, para onde vamos?” resgata quem lê até onde a presente pesquisa pode chegar e, de lá, propõe um horizonte de futuro que depende da nossa capacidade de respirar. Articula os marcadores sociais que transpassam a corporeidade de cada uma das entrevistadas com nuances das suas concepções de cuidado, para situar onde estamos. Finaliza com a esperança de ter oferecido algo do acalanto necessário para enfim acionarmos os pulmões, sendo a folha branca que se segue o espaço de resposta à pergunta: para onde vamos?

1. FEMINISMO, ECOLOGIA E PANDEMIA

O cenário pandêmico Covid-19 pareceu ser, dentre outras facticidades, resultado do perdurar de um modelo de civilização capitalista que enxerga na natureza fonte inesgotável de recursos a serem usados e abusados conforme os quereres humanos. Mesma civilização em que mulheres são, diante das arraigadas estruturas patriarcais de poder longinquamente instaladas, destinadas a enxergarem nos seus corpos fontes inesgotáveis de recursos a serem usados e abusados conforme os quereres masculinos. Ao passo que as matas e os rios são devastados, seres não-humanos são dizimados, a biodiversidade é desrespeitada e a ganância é celebrada, mulheres e tantos outros grupos humanos têm seus direitos solapados, seus desejos invisibilizados e seus gritos abafados.

Longas décadas transpassaram a crescente exaltação de tal modo insustentável de conceber a existência até que, súbito, o silêncio global corrói as estruturas socioeconômicas do século XXI e escancara a emergência de inevitáveis rupturas. Ao propor olhares para a vivência de mulheres trabalhadoras durante o início da pandemia, o presente trabalho urgiu do desejo de investigar as formas de cuidado emergentes em meio às fraturas civilizatórias expostas pela presença do vírus nas vidas humanas contemporâneas, devidamente contextualizadas social e politicamente.

A “visão da natureza como algo que se pode dominar, manipular e controlar com a finalidade de gerar lucro, sem qualquer constrangimento ético ou limite que se interponha a essa relação de exploração” (BRONZO, 2020, p. 82) foi sendo apontada como elo primordial não somente da relação entre as atuais crises sanitária e ecológica, mas também econômica, social, política e ética. Leonardo Boff (2020), em “Covid-19: a Mãe Terra contra-ataca a Humanidade”, evoca o coronavírus como arma lançada pela Terra, reagindo à mania humana de destruição da teia viva da qual faz parte. Sequer seria preciso aguardar o vírus imobilizar-nos as instituições para constatar que viemos vivendo em meio a

uma situação planetária trágica produzida, sobretudo, pelo modo de vida predatório que nos coloca diante de dois grandes dilemas civilizatórios: um que se refere às mudanças climáticas e a todo o desequilíbrio decorrente da forma de exploração da natureza; e outro que diz respeito à desigualdade social, entendida em sua multidimensionalidade e interseccionalidade e que se alimenta não apenas da diferenciação na posse de ativos (renda, educação, saúde, bens materiais, trabalho, capital para investimento, etc.), mas da multiplicação dessa desigualdade por um capitalismo financeiro que muito dá a quem já muito tem”. (BRONZO, 2020, p. 85)

Dentre infinitas possíveis interligações de análise acerca do fenômeno Covid-19 enquanto continuidade brusca e pontualmente perversa do processo civilizatório já antes em curso, a presente pesquisa destaca a dimensão socioecológica em interface com a problemática social de gênero. Se

a Covid-19 expressa os profundos entrelaçamentos entre humanos, animais não-humanos, dinâmicas biogeoquímicas e processos socioambientais complexos, que provocaram esta como as outras pandemias zoonóticas da história (SILVA; LOPES, 2020, p. 2),

os efeitos imediatos do escancarar de tais entrelaçamentos são distintos conforme classe, raça e gênero. Por serem a maioria entre profissionais da saúde tanto a nível nacional quanto global (UNFPA, 2020), as mulheres tendem a estar mais expostas aos riscos de infecção, bem como aos males físicos e emocionais do contato direto e constante com o luto e a doença. A força de trabalho feminina representa

65% dos mais de seis milhões de profissionais ocupados no setor público e privado, tanto nas atividades diretas de assistência em hospitais, quanto na Atenção Básica. Segundo dados baseados no Censo do IBGE, em algumas carreiras, como Fonoaudiologia, Nutrição e Serviço Social elas alcançam quase a totalidade, ultrapassando 90% de participação. Em outras, como Enfermagem e Psicologia, estão com percentuais acima de 80%. (CONASEMS, 2020)

Para além disso, a divisão do trabalho em cuidado conforme gênero e suas consequências ante à Covid-19 se alastra para atividades não diretamente vinculadas à principal linha de combate e prevenção do vírus: seus papéis também são predominantes como cuidadoras nas famílias e “a redução da atividade econômica afeta, em primeira instância, trabalhadoras informais que perdem seus meios de sustento de vida quase imediatamente” (ONU MULHERES, 2020, p. 1). Ainda refletindo sobre os entrelaçamentos entre consequências da pandemia e suas afecções a este grupo específico:

O fechamento de escolas para controlar a transmissão do COVID-19 tem um efeito diferencial sobre as mulheres economicamente, dado seu papel no fornecimento da maior parte dos cuidados informais nas famílias, com consequências que limitam seu trabalho e oportunidades econômicas. Em geral, a experiência do surto significa que o fardo doméstico das mulheres também se agrava, tornando sua parcela de responsabilidades domésticas ainda mais pesada, e por muitos enquanto elas também trabalham em período integral. (UNFPA, 2020, p. 6)

A precariedade das condições de vida de grande parte das mulheres inseridas no sistema capitalista globalizado de organização social, escancarada pelo cenário da presente pandemia,

é realidade nada inédita. Investigando as consequências da globalização sobre a divisão sexual do trabalho e delineando novas características do emprego feminino a partir das crises dos anos 1990, Hirata (2002) afirma que o crescimento da participação feminina nos mercados de trabalho formal e informal veio traduzido em empregos majoritariamente precários e vulneráveis.

A atividade feminina continua concentrada em setores como serviços pessoais, saúde e educação. Contudo, a tendência a uma diversificação das funções mostra hoje um quadro de bipolarização: num extremo, profissionais altamente qualificadas, com salários relativamente bons no conjunto da mão-de-obra feminina (...) e, no outro extremo, trabalhadoras ditas de baixa qualificação, com baixos salários e tarefas sem reconhecimento nem valorização social. Essa bipolarização não surge apenas nos países europeus desenvolvidos, mas também em países semi-industrializados como o Brasil. (HIRATA, 2002, p. 148)

A crítica à divisão sexual do trabalho veio se constituindo como um dos grandes motores dos movimentos feministas, quando a tomada de consciência acerca da opressão sofrida pelas mulheres no campo do trabalho passou a tomar corpo e foram pontuados incômodos diante do fato de que uma grande massa de mulheres é responsável por trabalhos invisibilizados, não devidamente remunerados e exclusivamente destinados para o bem-estar de outrem, em nome de uma suposta devoção materna natural e eterna (HIRATA; KERGOAT, 2007).

O princípio do cuidado, observado nas diferentes modalidades de trabalho majoritariamente femininas que ganham especial enfoque ante a pandemia do coronavírus, costuma ser resumido à responsabilidade de olhar pelos outros e se vincula a uma concepção de trabalho nada ou pouco remunerado (CAROSIO, 2007), ao situar na suposta fonte inesgotável de instinto maternal que habitaria todas as mulheres a justificativa para a perpetuação de um modelo exploratório de divisão do trabalho.

O cuidado é concebido nas sociedades mercantilizadas como um não trabalho, sacrifício inerente ao gênero feminino, quando na realidade existe um mundo inteiro de atividades humanas fora do terreno iluminado dos mercados (...). Assim como o público excluiu as mulheres, nas sociedades mercantilizadas a mão invisível do mercado ocultou a reprodução ampliada da vida, base necessária para o funcionamento social. (CAROSIO, 2007, p. 169)

Conforme Zoboli (2004), a reflexão ética feminista de Carol Gilligan (1982) e as ideias de Nel Noddings (1984) apontam para o descaso à noção de cuidado generalizada em concepções hegemônicas de ética, provavelmente aquelas mesmas que parecem não se

incomodar a fundo com a exploração irrefreada de recursos naturais em nome da prosperidade civilizatória. Tal descaso parece ser justificado pelo

fato do cuidado apresentar-se como uma cativante emoção ou ideia que tem confrontado e desafiado os sistemas de pensamento racionalistas, abstratos, impessoais e detentores de abrangente ascendência social, ética, política e religiosa, apoiando sua visão da condição humana na capacidade das pessoas importarem-se com os outros, com as coisas, com a comunidade, com uma trajetória de vida ou consigo próprias. (ZOBOLI, 2004, p. 27)

Se por um lado o fenômeno Covid-19 parece ter vindo fortificar o que Capra (1997), respaldado pela Ecologia Profunda proposta por Arne Naess em 1984, reconhece como “a interdependência fundamental de todos os fenômenos e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza” (CAPRA, 1997, p. 11), por outro, a constatação dos efeitos específicos da crise sobre mulheres apela olhares mais cuidadosos para teorias e práxis que proponham organizações civilizatórias outras que não essa de ininterrupta exploração da natureza e desenvergonhada injustiça contra mulheres. É o caso da proposta ecofeminista, dentre tantas.

A partir dos estudos trilhados dentre discussões feministas, é possível afirmar que o ecofeminismo é uma epistemologia feminista que enxerga na dominação da natureza e na opressão contra as mulheres as raízes de um mal comum (ESTÉVEZ, 2019). Padrões culturais e simbólicos capitalista-patriarcais são encarados como legisladores da cosmovisão que naturaliza violências e pauta como indiscutível a necessidade da exploração da terra, dos animais e das mulheres. Desenvolve-se através da contínua articulação entre teorias ecológicas e feministas, atravessando tanto a luta pela igualdade de gênero quanto a defesa pela preservação do meio ambiente. É movimento diverso, subdividido em correntes antagônicas entre si e reúne estudos diversificados ao redor do mundo.

Dentre as ecofeministas mais reconhecidas, é possível destacar a teóloga brasileira Ivone Gebara, a física indiana Vandana Shiva, a ativista queniana Wangari Maathai, a professora alemã Maria Mies, a filósofa argentina Alicia Puleo e a filósofa australiana Val Plumwood. O termo foi inicialmente cunhado por Françoise d’Eaubonne em 1974, quando a feminista francesa

(...) sustentava que a superpopulação do planeta, tema que preocupava aos ecologistas, era resultado da negação patriarcal do direito das mulheres de decidirem sobre seus próprios corpos. Ideia enfraquecida nos desenvolvimentos ecofeministas posteriores. (PULEO, 2017, p. 212)

Popularizada nos Estados Unidos de 1980 (TAVARES, 2014), a corrente foi alvo de duras críticas por parte de outras vertentes feministas em razão de seu caráter inicialmente naturalizador de problemáticas sociais. Dentre as inúmeras tendências ecofeministas, é costumeiro o destaque ao ecofeminismo clássico, ao ecofeminismo espiritualista do Terceiro Mundo e ao ecofeminismo construtivista (TORRES, 2009).

A clássica se sustenta em visões essencialistas que situam na feminilidade pressupostos éticos maternos que predisporiam mulheres ao pacifismo e à proteção dos seres vivos, em oposição à competição e à destruição situadas enquanto aspirações naturalmente masculinas. Já as ecofeministas espiritualistas do Terceiro Mundo partem dos princípios religiosos de Gandhi na Ásia e da Teologia da Libertação na América Latina para criticar as premissas do desenvolvimento moderno ocidentalizado. É pensamento que “confere ao princípio da cosmologia a tendência protetora das mulheres para com a natureza” (TORRES, 2009, p. 164).

Em contraste, o ecofeminismo construtivista se levanta nas décadas de 1990, em oposição às duas vertentes anteriores ao considerar

(...) que não há uma essência feminina que liga as mulheres à Natureza, mas foram as estruturas sociais e econômicas que determinaram a divisão sexual do trabalho e aproximaram as mulheres da Natureza, desenvolvendo nelas relações afetivas e sentimentos que foram reprimidos nos homens. (TAVARES, 2014, p. 4)

Mesmo compartilhando características como antirracismo, anti-anthropocentrismo e anti-imperialismo com a segunda vertente citada, o ecofeminismo construtivista difere dos estudos embasados em visões essencialistas ou fontes religiosas e espirituais. Nesse sentido,

é a opressão compartilhada entre mulheres e natureza numa cultura ocidental predominantemente masculina e não uma identidade essencial e biológica que constrói uma proximidade especial entre elas. (ARMBRUSTER, 1998, p. 97)

Ao reconhecerem nuances das responsabilidades de gênero na economia assentada na divisão social do trabalho, as ecofeministas construtivistas pautam e explicitam a necessidade da formulação de novas práticas de interação entre seres humanos, bem como entre cultura e natureza. Ainda em 1990, conforme Torres (2009), Barbara Gates, Greta Gaard e Patrick Murphy questionam e enriquecem os movimentos ecofeministas de até então, ao reconhecerem a íntima relação entre as opressões contra mulheres e natureza com inúmeras outras formas de

exploração, advindas de mecanismos de poder ainda não considerados na construção do corpo teórico em questão. A partir de então, o ecofeminismo passa a ser baseado

não apenas no reconhecimento das ligações entre a exploração da natureza e a opressão das mulheres ao longo das sociedades patriarcais. Baseia-se também no reconhecimento de que essas formas de dominação estão ligadas à exploração de classe, ao racismo, ao colonialismo e ao neocolonialismo. (GAARD; MURPHY, 1998, p. 3)

Encarando as produções ecofeministas como “apelo a uma ética da ação pautada na cooperação, na percepção da interdependência e na solidariedade como condição para existência de um futuro” (BRONZO, 2020, p. 86), o movimento no sentido da substituição dos modelos de opressão por políticas de cuidado deixa de ser mera especulação utópica e é tema que ganha especial urgência em meio às violências estruturais civilizatórias explicitadas pelo novo coronavírus. Em consonância com a perspectiva adotada por Andrea Díaz Estévez (2019) ao evocar o ecofeminismo crítico de Alicia Puleo, outra das ecofeministas com influência construtivista, o presente trabalho se encaminhou vinculado à uma proposta concreta

que situa o cuidado no centro e que se traduz, imediatamente, como atenção e proteção tanto de nós mesmos como de tudo aquilo que nos rodeia. Ou seja, o exposto reconhecimento de que o ser humano, em sua totalidade, é um ser necessitado; um ser, afinal de contas, interdependente e eco-dependente. (DÍAZ ESTÉVEZ, 2019, p. 17)

Com isso, o que se pretende é a compreensão da forma como mulheres trabalhadoras estavam cuidando de si e do entorno durante a pandemia ocasionada pelo Covid-19. Teria a crise socioambiental Covid-19 ocasionado a criação e/ou perpetuação de práticas alinhadas à lógica da cooperação e do cuidado, próprias à ética ecofeminista?

2. MULHERES BRASILEIRAS NA COVID-19

O capítulo em questão trata de uma síntese do relatório “Sem parar: O trabalho e a vida das mulheres na pandemia” realizado em 2020 por Gênero e Número³ e SOF Sempre Viva Organização Feminista⁴. Tal pesquisa destaca a sobrecarga de trabalho doméstico e cuidado decorrente das medidas de isolamento social, entre as tantas dimensões de desigualdades evidenciadas na pandemia causada pelo novo coronavírus. Nesse sentido, teve o objetivo de conhecer as dimensões do trabalho e da vida de mulheres durante a pandemia. Foi realizada em torno de eixos que tratam dos efeitos da crise e do isolamento social sobre o trabalho e a sustentação financeira, incluindo o trabalho doméstico e de cuidado realizado de maneira não remunerada entre quatro paredes. Os resultados obtidos demonstram que as dinâmicas cotidianas das mulheres desafiaram o discurso corrente em oposição às recomendações de isolamento, de que “a economia não poderia parar”. Trabalhos de cuidado frequentemente invisibilizados pelo mercado, essenciais para a sustentabilidade da vida, não só não pararam e nem podem parar como foram intensificados na pandemia. Ademais, o relatório escancara como raça, classe e lugar de moradia marcam a diversidade da experiência das mulheres durante a Covid-19.

As autoras esperam que os resultados

contribuam para tirar da invisibilidade aspectos fundamentais para a vida em comum, e que as lacunas e novas questões que ainda precisam ser abordadas e aprofundadas sigam inspirando novas investigações que coloquem a sustentabilidade da vida no centro, condição para construir igualdade. (GÊNERO E NÚMERO; SOF, 2020, p. 6)

Orientada pela economia feminista e pelos estudos feministas sobre trabalho, a pesquisa que resultou no relatório em questão foi realizada por meio de um questionário online composto por 52 perguntas fechadas e divididas em oito blocos: levantamento de perfil das entrevistadas; composição domiciliar durante a pandemia; percepções sobre a pandemia; trabalho doméstico em geral e durante a pandemia; responsabilidade com o cuidado alheio direto e mudanças na

³ Gênero e Número é uma *startup* focada na produção de jornalismo de dados sobre as questões de gênero, contando com a colaboração de jornalistas, programadores e designers de todo o Brasil. A equipe é principalmente composta por Giulliana Bianconi, Maria Martha Bruno, Marília Ferrari, Sanny Bertolodo, Natália Leão, Flávia Bozza Martins, Lola Ferreira, Vitória Régia da Silva e Rafaela Manhães.

⁴ SOF Sempre Viva Organização Feminista é uma organização não governamental que há mais de 30 anos elabora suas estratégias de atuação com base no trinômio Movimento social, Transformação e Feminismo. A diretoria é atualmente (maio 2019 - maio 2021) composta por Marilane Oliveira, Sonia Maria dos Santos, Maria Luiza da Costa, Vera Lúcia Ubaldino, Maria Elizabeth Reis e Selma Aparecida Gomes.

pandemia; violência doméstica e sentimentos e emoções vividos durante o período. A coleta de dados se deu entre abril e maio de 2020, totalizando 2.641 respostas. Variáveis específicas foram criadas para que a amostra fosse representativa para o Brasil e a técnica de amostragem utilizada se baseia na probabilidade de inclusão na amostra, isto é, o quanto uma pessoa realmente representa o grupo ao qual pertence.

Quanto ao perfil das participantes, a maioria vive em meio urbano (85%), é trabalhadora e responsável por ao menos 50% da renda familiar. 80% delas recebem até 2 salários mínimos, sendo que menos de 10% recebem mais que 5 salários mínimos. Número expressivo de mulheres dividem a casa com companheiro(s) (30,7%) ou com familiares adultos (25%). Ademais, as entrevistadas compõem todas as faixas etárias entre 15 e 89 anos, sendo 41 anos de idade a média. Enquanto indígenas e amarelas tem representação baixíssima (1%), negras e brancas têm representatividade expressiva e equilibrada na amostra. Metade das mulheres, tanto brancas quanto negras, tem acesso a alguma forma de benefício social ou transferência de renda não necessariamente vinculada a auxílios emergenciais pandêmicos. No que diz respeito à escolaridade, boa parte afirma ter Ensino Superior Completo. Já em termos de moradia, a maioria das participantes vive por aluguel ou têm casa própria. Ainda assim, quantidade alarmante não tem onde morar ou compartilha cômodos em situação precária, tornando ainda mais crítica qualquer leitura sobre a condição de vida durante a pandemia. Quanto à orientação sexual, a maioria é heterossexual (83%), sendo que bissexuais constituem 12% e homossexuais 5%. Além disso, 2% das entrevistadas são mulheres com deficiência.

Foi revelado que, em média, 50% das mulheres brasileiras passaram a cuidar de alguém na pandemia. No caso das mulheres rurais, a porcentagem sobe para 62%. Entre negras, sobe para 52%; entre brancas, baixa para 46%; entre indígenas ou amarelas, se equipara a média total. O cuidado, sendo situado no centro da sustentabilidade da vida, seria dimensão que

não pode ser regida pelas dinâmicas sociais pautadas no acúmulo de renda e de privilégios (...). A organização do cuidado ancorada principalmente na exploração do trabalho de mulheres negras e no trabalho não remunerado das mulheres é um fracasso retumbante para a busca de redução das desigualdades antes e durante a pandemia do coronavírus. (p. 11)

Das mulheres responsáveis pelo cuidado direto de crianças, pessoas idosas ou com deficiência, a maioria apontou para o aumento expressivo da necessidade de monitoramento e companhia. Indígenas e amarelas foram as mulheres que mais afirmaram ter aumentado ou

aumentado muito a demanda por este tipo de trabalho, sendo seguidas gradativamente pelas brancas e pelas negras.

A pesquisa aponta que a crise afetou todas as casas de mulheres trabalhadoras, inclusive das privilegiadas brancas, jovens, urbanas e com ensino superior completo. 41% das mulheres que seguiram trabalhando com manutenção dos salários afirmaram o aumento da demanda de trabalho durante a quarentena. Jornadas de trabalho estendidas pela transição de atividades presenciais para remotas, somadas à sobrecarga de tarefas domésticas decorrentes da impossibilidade de pagar pela prestação de serviços e da desigualdade na distribuição de fazeres domésticos conforme gênero, são algumas das vivências comuns desta parcela específica. Por outro lado, 40% das mulheres afirmaram que a situação colocou a sustentação da casa em risco. Dentre elas, a maioria é negra e a principal dificuldade apontada foi o pagamento de contas básicas ou aluguel. Já dentre as mulheres que cursaram até o Ensino Médio, a maior preocupação foi o acesso a alimentos.

Das desempregadas durante a pandemia, 58% são negras. O número, além de escancarar o aumento crescente da desigualdade nas taxas de ocupação conforme raça, reflete a condição histórica no Brasil de mulheres negras serem as mais expostas a vulnerabilidades sociais (incluindo, mas não se resumindo ao desemprego). Além disso, 61% das mulheres que trabalham pela economia solidária são negras.

Se estão na base da pirâmide social pressionadas pela estrutura que as desafia na conquista do direito à renda, as mulheres negras que trabalham por conta própria têm estratégias de cooperação mais presentes no seu dia a dia. Elas são a maioria em relação às brancas entre as que veem a produção e a distribuição como processos a serem compartilhados. (p. 16)

Enquanto 91% das entrevistadas acham que os casos de violência doméstica aumentaram ou se intensificaram durante o período pandêmico, apenas 8,4% afirmaram ter sofrido alguma forma de violência pessoalmente no isolamento social. Os números aumentam entre as mulheres com baixa renda e têm expressividade específica entre negras, especialmente com relação às seguintes queixas: trancamento em casa, espancamentos e demais agressões físicas persistentes através de marcas ou cortes e quebra proposital de objetos pessoais.

No primeiro capítulo do relatório, as autoras resgatam alguns dos números já abordados ao refletirem sobre “Trabalho e impactos da pandemia na sustentação das casas”. Afirmam que 16% do total de entrevistadas estavam em casa sem trabalho remunerado no momento da coleta

de dados. Outro impacto imediato da crise sobre a renda familiar é que, independentemente do tipo de atividade realizada e das relações de trabalho estabelecidas antes da pandemia, a alta percepção de riscos é generalizada. No início do isolamento social, 40% das participantes (maioria negra) apontaram a possibilidade de gastos essenciais não serem cobertos durante o período pandêmico. Comentários deixados ao final da pesquisa apontam para a importância de se recordar que, embora várias das participantes estivessem trabalhando em casa, sua renda havia diminuído muito consideravelmente.

Abordando diferenças entre mulheres em contextos rurais e urbanos, é apontado que o risco na sustentação da casa durante a pandemia é maior e mais imediato entre as primeiras: 57% delas afirmaram verem risco estrutural. No caso da falta de renda, embora ambos grupos afirmam a grande dificuldade em pagar contas básicas, a preocupação de pagamento de aluguel é comum entre as urbanas e pouquíssimo considerável entre as rurais. A alta do custo de manutenção das casas é outra dimensão abordada, ao revelar que a recente dificuldade financeira é apontada mesmo quando a situação de renda não se apresenta precária ou obviamente ameaçada. O estado de atenção e tensão desencadeado pelo cotidiano na espreita da impossibilidade de prosseguir a própria vida é somado a uma rotina pandêmica sobrecarregada: a sobreposição de responsabilidades do trabalho remunerado e do trabalho doméstico e de cuidados foi apontada como dificuldade para o prosseguimento do primeiro por 61,5% das mulheres.

A maioria das entrevistadas havia declarado estar cumprindo o isolamento social. Entre as que responderam não estar, 38,6% justificaram que se parassem de trabalhar ficariam sem renda nenhuma e 17,7% apontaram que o empregador proíbe a permanência em casa. Assim, se revela mais outro impacto da pandemia sobre o trabalho realizado por mulheres. O alto risco de ser contaminada e/ou contaminar pessoas próximas significa também a possibilidade do aumento de custos com remédios ou tratamentos de saúde.

Refletindo sobre as intersecções entre situação de emprego e raça, é apresentado que 52,5% das que responderam estar empregadas são mulheres brancas, 45,5% são negras e 2% indígenas ou amarelas. As empregadas no setor público são de maioria negra e no setor informal, negras e brancas compartilham a mesma participação. Já as que trabalham por conta própria são de maioria branca. Mesmo assim, na economia solidária, um caminho possível rumo a autonomia financeira a partir da articulação em rede e aqui considerada uma modalidade do

trabalho por conta própria, 61% das mulheres são negras. Entre as que se declararam donas de casa, 58% são negras, 40% brancas e 2% indígenas ou amarelas.

No segundo capítulo, “A responsabilidade com o cuidado é parte da vida das mulheres”, se buscou a compreensão de como o trabalho doméstico e de cuidado não remunerado se reorganizou durante a pandemia. Dentre as mulheres responsáveis pelo cuidado alheio, 57% se responsabilizam por filhas de até 12 anos e 6,4% por outras crianças. Destas últimas, 60% são negras e este cuidado para além do núcleo familiar se refere tanto a membros da família estendida como a redes de cuidado formadas na vizinhança. Por outro lado, 27% das participantes são responsáveis por pessoas idosas e 3,5% por pessoas com deficiência. Além disso, 14% das entrevistadas consideram serem responsáveis também pelo cuidado de pessoas aparentemente independentes (“adultos saudáveis e sem deficiência”), desvelando dimensão frequentemente invisibilizada da organização do trabalho doméstico.

Se a divisão dos cuidados já era injusta no pré-pandemia, com a Covid-19 a situação se agravou ainda mais. Refletindo sobre possibilidades de divisão dessa responsabilidade entre as pessoas da família e equipamentos (públicos ou privados) externos ao núcleo familiar, redes de apoio ou contratação de trabalhadoras, se notou que 42% das mulheres responsáveis pelo cuidado alheio o fazem sem apoio extrafamiliar, sendo que 54% delas são negras. Em ressonância, 32,4% das entrevistadas encontram apoio para o cuidado entre parentes ou vizinhança, sendo que 55,5% destas são mulheres negras. Já o apoio ao cuidado ofertado por instituições é realidade para 15% das participantes, sendo que 56% destas são mulheres brancas. Durante o isolamento social, 51% das mulheres que antes contavam com algum apoio afirmam que este diminuiu. A interrupção do funcionamento presencial de creches e escolas é bastante apontada como fator de reconcentração dos cuidados nas casas.

Resgatando o dado apresentado anteriormente de que metade das entrevistadas passaram a cuidar de alguém durante a pandemia, se percebe que entre elas 80,6% cuidam de familiares, 24% de amigos e 11% de vizinhos. Ademais, é apontada uma maior responsabilização das mulheres rurais pelo cuidado de familiares ou vizinhança no período pandêmico: 62%. Uma reflexão sobre as dinâmicas entre urbano e rural aponta este último como reserva de cuidado, sendo possibilidade de acolhida em caso de desemprego na cidade, “além de aportar materialmente para o sustento das famílias no meio urbano, sobretudo com a doação de alimentos produzidos no campo” (p. 33).

As necessidades humanas satisfeitas pelo cuidado se entrelaçam com noções de atenção, disponibilidade de tempo e presença. Nesse sentido, são apontadas formas pelas quais as entrevistadas cuidam: 63% ligam e monitoram, 56,6% vão ao mercado ou à farmácia e 26% fazem companhia (elas poderiam, no questionário, apontar mais de uma opção). Os dados coletados indicam disparidade nas percepções sobre o aumento da frequência e intensidade das tarefas de cuidado de acordo com renda familiar das entrevistadas. De modo geral, o auxílio às atividades educacionais é observado nas famílias com maior renda e atividades como jogos, leituras e brincadeiras são mais observadas nas famílias com menor renda. Uma terceira dimensão desta questão é explicitada por comentário de uma das entrevistadas:

Acho que esta pandemia vai mostrar exatamente o que ocorre no quadro social já existente... pois enquanto a classe média posta em seus Instagram como divertir uma criança como aprender mexer com papel machê fazer origami receita de comida pra passar o tempo sem tédio há pessoas que não conseguem. Nem manter as coisas limpas pois falta água sempre, não consegue acompanhar as aulas das crianças por não ter acesso a internet nem computador em casa... (p. 34)

A pesquisa aponta que são muitas as tarefas que compõem o trabalho doméstico: preparar ou servir alimentos, lavar louça e limpar o domicílio são apontadas como as atividades que mais se intensificaram pela pandemia. Assim, entrelaçado ao fato de que as demandas aumentaram durante o isolamento social (principalmente entre as mulheres cuidadoras de idosos e/ou crianças de até 12 anos), se pode concluir que “a responsabilidade pelo cuidado intensifica o ritmo do trabalho doméstico” (p. 35). Ademais, 35,7% das mulheres entrevistadas apontaram que são as únicas responsáveis pelo trabalho doméstico e de cuidado em suas casas (lembrando que apenas 11% das entrevistadas moram sozinhas).

Demonstrando dinâmicas de reorganização desta modalidade de trabalho, 64% delas afirmaram que a distribuição das tarefas continuou a mesma, 23% avaliam que outras pessoas passaram a se encarregar menos e 13% apontam que a participação alheia aumentou. A percepção das mulheres que indicaram seguir todas as medidas de isolamento social também aponta para a intensificação do trabalho doméstico e de cuidado. O aumento da sobrecarga das mulheres por conta da pandemia muitas vezes convive com a manutenção de tarefas já anteriormente distribuídas de forma desigual, considerando que a “intensificação e aumento da frequência de realização do trabalho doméstico e de cuidados não foram (em sua maioria) acompanhados por um aumento da participação de outras pessoas” (p. 39). Conforme uma das entrevistadas,

embora o marido tenha consciência da necessidade de divisão do serviço doméstico, homem fica fazendo vista grossa para a sujeira e em meu caso, muitas vezes acabo assumindo mais do que deveria. (p. 39)

Já uma outra aponta que

é muito difícil escrever academicamente nesse período. Em casa estamos fazendo o possível dividindo tarefas mas a carga é muito grande, mesmo que para um casal. Continuar trabalhando, cumprindo prazos, limpar, cozinhar... Então realmente a situação está muito difícil. (p. 41)

O terceiro capítulo, “Relações, sentimentos e violência”, aborda a violência contra as mulheres durante a pandemia. Conforme previsto por diferentes entidades feministas e especialistas ainda antes do avanço da pandemia, foi apontado o aumento dos casos em razão do confinamento imposto pelo isolamento social. Considerando que o Brasil é hoje um dos países com as maiores taxas de feminicídio do mundo, não é de se espantar que boa parte das brasileiras reconheçam no ambiente doméstico a presença de ciclos de violência silenciosa e cotidiana. “Aqueles que vivem com seus agressores, no contexto da pandemia, passam a ver reduzidas suas possibilidades de recorrer aos canais de denúncia e aos equipamentos públicos de acolhimento e proteção” (p. 42). Nesse sentido, como já foi mencionado, 91,2% das entrevistadas afirmaram acreditar no aumento ou na intensificação dos casos de violência doméstica durante a quarentena. Em contrapartida, apenas 8,4% delas apontam terem sofrido pessoalmente. Tal percentual aumenta entre mulheres com renda de até 1 salário mínimo (12,7%) e entre as que vivem em meio rural (11,7%).

No esforço de compreender e dar visibilidade à complexidade das dinâmicas de violência cotidiana que frequentemente impedem que mulheres possam reconhecer abusos sofridos, o questionário contava não apenas com uma pergunta direta acerca da vivência violenta durante a pandemia como também enumerava atitudes abusivas possivelmente cometidas por outrem, as quais as entrevistadas poderiam assinalar em múltipla escolha. 11% das mulheres participantes assinalaram a pelo menos uma das condutas enumeradas, percentual maior do que o obtido quando perguntadas diretamente. Tais acontecimentos se vincularam à diferentes formas de controle, ameaças, desqualificações relacionadas ao trabalho doméstico e à maternidade. Em menor medida, foram apontadas as formas de violência física e sexual. Nesse sentido, enquanto as violências mais óbvias ocorreram em menor frequência, muitas das entrevistadas foram vítimas de espécies veladas de violência (psicológica, moral, social, etc). Exemplo dessa natureza é apontado na fala a seguir:

Eu cuido do meu pai, que tem 93 anos e está bastante debilitado. No entanto, repetindo uma atitude que ele teve ao longo da vida, ele é agressivo, egocêntrico e desrespeitoso muitas vezes. Não me sinto ameaçada fisicamente, mas isto não significa que o isolamento não favoreça uma violência de outra ordem, mas que é igualmente machista, autoritária e que mina as forças e energia. (p. 44)

A violência contra a mulher, enquanto processo que engendra relações de poder estabelecidas entre homens e mulheres, é fenômeno composto por dimensões que se conjugam. Um grande alerta para essas conjugações é a frequência da desqualificação em relação ao trabalho doméstico e à maternidade durante a Covid-19, fenômeno relacionado às já mencionadas problemáticas: cargas intensificadas de trabalho no período, questões vinculadas com a sustentabilidade das casas, perdurar e aprofundamento da desigualdade na distribuição das responsabilidades domésticas e de cuidado.

Outro dado levantado acerca das violências são os testemunhos, por parte das entrevistadas, de atos cometidos contra mulheres conhecidas. Nestas ocasiões, as participantes muito frequentemente reagiram denunciando o ocorrido. Tal dado pode felizmente indicar mudanças na vida coletiva com a violência doméstica: se antes o ditado machista “em briga de marido e mulher não se mete a colher” era inquestionável, hoje a violência patriarcal pode ser compreendida como um problema a ser enfrentado. Na mesma onda de enfrentamento, o relatório menciona campanhas de denúncia realizadas durante a pandemia por organizações como a das mulheres do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Refletindo sobre mudanças ocorridas nas relações afetivas durante a pandemia, 26% das participantes afirmam que o relacionamento entre as pessoas que compartilham um mesmo domicílio melhorou. Já 27,3% consideram que novos conflitos surgiram e 11,3% apontam para a intensificação de conflitos preexistentes. Enquanto isso, 35,6% acreditam que as relações permaneceram iguais. Mesmo assim, a pesquisa ressalta que o relato da experiência de manter contato permanente e contínuo com as pessoas em razão de medidas de isolamento social varia conforme o tempo deste. Por isso, os dados aqui apresentados não são necessariamente estáveis. De qualquer maneira, é relevante pontuar que alguns laços estiveram se fortalecendo durante a crise:

Meu filho veio se isolar comigo pra me cuidar. E foram momentos incríveis de troca, de amor, de cumplicidade e sim, de lavagem de roupas sujas também, mas numa atmosfera muito de empatia, amor e cumplicidade! Tenho esperança nesse momento caótico! Acredito na oportunidade que temos de reescrever as relações e uma nova maneira de viver! (p. 46)

O último bloco da pesquisa se centrou na percepção das formas como as mulheres se sentem durante o período de pandemia. Enquanto 71% delas acreditam que os efeitos do isolamento social na saúde mental são sentidos de maneiras diferentes entre as pessoas próximas, 29% consideram que os efeitos são igualmente distribuídos. Neste momento, muitas delas apontam para as diferentes dificuldades emocionais enfrentadas dentro de uma mesma casa.

Sinto-me como se estivesse em uma guerra e que preciso ser forte pra passar por tudo isso. Minha esposa é grupo de risco e isso pesa bastante, porque preciso me preocupar duplamente. Não choro, tenho lido, feito exercícios físicos, meditado, pois criei o objetivo de sair viva dessa pandemia e com uma boa saúde mental. Com muito esforço tenho conseguido que minha companheira faça o mesmo. Sinto que ela está mais abalada que eu. (p. 47)

Quando perguntadas sobre sentimentos próprios frente ao vírus, 30,9% das mulheres apontaram o medo do futuro como sentimento mais intenso. Enquanto isso, 24,5% dizem ter esperança apesar de estarem pouco confiantes. Algumas outras apontaram a solidão, a depressão, a angústia e a ansiedade. Conversando sobre expectativas para o momento em que o vírus enfim se for, elas assinalaram a situação política por um lado (“A falta de apoio do governo federal mexe significativamente com meu estado mental” ou “Estou apavorada com a forma que os políticos estão lidando com a pandemia, minha cidade não parou, funcionando normalmente, morrendo de medo do que virá”) e, por outro, inseguranças geradas por fatores econômicos (“Acho que não saber o que irá acontecer, nem como iremos manter o aluguel tira o sono, a paz... Não sei se em dois meses eu me mantenho e isso é desesperador”).

Ao mesmo tempo, também existem comentários sobre formas de organização para o enfrentamento coletivo do terror, como as estratégias de encontros virtuais. Sobre isso, as organizadoras do relatório comentam:

As experiências de contato, organização e solidariedade podem apontar caminhos e reforçar a esperança para a reconstrução da vida em comum. Entre tantas ações de solidariedade organizadas pelas organizações e movimentos sociais durante a pandemia, as mulheres e especialmente as mulheres negras se destacam como protagonistas. São ações de auto-organização popular que respondem à situação de precariedade vivenciada pela maioria da população. Distribuição de alimentos, confecção de máscaras e produção coletiva de sabão, distribuição de informações sobre a covid-19 e as formas de prevenção, alertas e redes de apoio para o enfrentamento à violência, todas estas podem ser compreendidas como formas ampliadas de cuidado, que as mulheres assumem como responsabilidade e colocam em movimento. (p. 49)

Finalizando com “Pistas para priorizar a sustentabilidade da vida na reorganização da economia”, é resgatado o processo de construção do relatório e feito balanço geral sobre a relevância dos materiais coletados. O cotidiano de vida e trabalho de mulheres frequentemente marcado por sobrecarga e precariedade é destacado como ponto fundamental para informar sobre as propostas políticas para recuperação econômica. As mulheres experimentam em seus próprios corpos a dissonância entre jornadas de trabalho superextensas, dificuldades desencadeadas pela pobreza e responsabilidade total pelo cuidado alheio. Integrar tais dimensões é talvez o maior desafio para uma sociedade pós-pandemia preocupada com a sustentabilidade da vida. “Mais do que uma recuperação nos tradicionais indicadores econômicos, é necessária uma reorganização da economia que persiga os objetivos de construção de igualdade e justiça social” (p. 51).

A dimensão revelada pelo encontro com mulheres rurais aponta para propostas políticas essenciais em tal reorganização econômica em favor da sustentabilidade da vida: a necessidade da garantia de condições para o plantio e conseqüente contribuição para a segurança alimentar tanto no campo como na cidade e o reconhecimento das redes afetivas tecidas entre mulheres em meio rural e urbano no enfrentamento de desigualdades. Redes estas também tecidas entre mulheres negras e/ou pobres moradoras da cidade e em aliança na sustentação de vidas atravessadas por insuficiência de políticas públicas, bem como pela presença de precariedades e violência. Já os dados sobre violência doméstica apontam a íntima relação entre violências psicológicas e a manutenção da responsabilização das mulheres sobre os trabalhos que sustentam uma casa.

Por fim, se conclui que o ato de fazer visíveis os trabalhos domésticos e de cuidados que estão na base da sustentabilidade da vida necessita ter conseqüências políticas para além do reconhecimento. É necessária movimentação para que estes trabalhos passem a ser redistribuídos e valorizados. Para tal, seriam necessárias transformações estruturais, uma vez que a intensificação exagerada dos trabalhos mencionados hoje se constitui como um dos pilares estruturantes da ordem neoliberal capitalista. Nesse sentido,

não se trata apenas de uma negociação no interior de cada domicílio, muito menos de normalizar dinâmicas de terceirização e externalização, que reforçam a precariedade da vida e do trabalho de mulheres negras, deixando intactos e inquestionados os mecanismos de desresponsabilização do Estado, dos homens e do conjunto da sociedade com essas atividades que são essenciais para a sustentabilidade da vida. E, como a pesquisa demonstrou, não podem parar. (p. 52)

3. O QUE DISSERAM EM 2020

Pelo presente trabalho se relacionar com a Covid-19, a revisão de literatura se estruturou a partir de artigos produzidos ao redor do mundo nos diferentes meses de 2020. Considerar a contemporaneidade do tema implica constatar a inexistência, em anos anteriores, de material diretamente pertinente. Já a quase nula aparição de bibliografia explicitamente vinculada à Psicologia acerca de alguma articulação entre os temas cuidado/feminismo/ecologia/pandemia aponta para a relevância de pesquisas como a presente. As produções acadêmicas encontradas foram agrupadas conforme grupos temáticos: Ecofeminismos, Cuidado e gênero, Coletividades e Cuidado de si.

Ecofeminismos

Ainda nos primeiros meses pandêmicos, pesquisadoras e pesquisadores encontraram no ecofeminismo a possibilidade da sobrevivência de uma humanidade hoje em sério risco de extinção. O apelo a propostas éticas ecofeministas se presentifica em “Pandemia, Crise de cuidados e Democracia: o que aprender com quem cuida da vida?”, quando Carolina Alves Gomes Oliveira e Léa Tiriba propõem pedagogias ambientais contra-hegemônicas e emancipatórias na reflexão sobre os cuidados desenrolados em meio a Covid-19. Voltadas à vivência de mulheres das classes populares, versam diálogos entre movimentos de resistência socioambiental e a perspectiva ecofeminista.

No México, por sua vez, Carlos Avila-Bello e Julieta María Jaloma Cruz apontam a pandemia como resultado do modelo de exploração ilimitada de recursos naturais, encarnado na Revolução Verde e nos padrões de produção de alimentos e consumo próprios ao capitalismo neoliberal. São propostas alternativas agroecológicas e ecofeministas de perpetuação da vida, através do diálogo com comunidades indígenas e camponesas de Veracruz. Já em território espanhol, Belén Galletero-Campos apresenta o livro “Las mujeres como impulsoras de transiciones ecofeministas hacia sociedades mas justas y diversas: Castilla-La Mancha como laboratorio de experiencias”, obra que se nutre de um projeto centrado no mapeamento de 156 iniciativas ecosociais desenroladas em Castilla-La Mancha e coordenado pela pesquisadora Lidia Peralta García. É parte da esperança de lentificar o processo civilizatório predatório em curso (mudanças climáticas, invasão de territórios naturais, individualismo exacerbado, etc) que, em 2020, se personificou na Covid-19.

Cuidado e gênero

A reflexão em torno de cuidado e gênero também reuniu tanto iniciativas brasileiras quanto *hispanohablantes*. Na Espanha, María Del Río Lozano e María Del Mar García Calvente escrevem “Cuidados y abordaje de la pandemia de COVID-19 con enfoque de género”: uma experiência de aplicação da análise de gênero ao impacto da pandemia sobre a saúde da população andaluza. Se guiou por debates centrados no cuidado e em reflexões ligadas à necessidade de incorporar a consideração do gênero em medidas e atuações concretas. Enquanto isso, Victoria Ferrer-Perez aponta sugestões para compreender e dar respostas aos desenrolares da pandemia a partir de uma Psicologia Social feminista. Mariane de Oliveira Biteti segue caminho distinto ao refletir sobre determinadas políticas de Estado lideradas por mulheres que, até o momento da realização da pesquisa, foram bem-sucedidas no controle e no combate ao novo coronavírus.

Desenvolvemos a nossa hipótese como parte da compreensão do que pode ser uma agenda política feminista. Para tanto, supomos ser importante aprender e potencializar as experiências das mulheres da margem, e tudo o que elas agenciam de ética e política do cuidado, como mecanismos de preservação da vida. (BITETI, 2020)

Coletividades

Movimentos coletivos e em prol das coletividades ganham destaque no enfrentamento ao vírus e suas narrativas já alcançam a academia. Em “Lições da pandemia: aprender com outras epistemologias o cuidado coletivo com reciprocidade”, Carla Pontes de Albuquerque e Reinaldo Matias Fleuri explicitam que o tempo pandêmico escancara as fragilidades decorrentes das desigualdades na globalização neoliberal. Revelando a insuficiência do modelo biomédico tradicional para o cuidado coletivo na Covid-19, as redes de vizinhança e Atenção Básica em Saúde articuladas são apresentadas como capazes de manejo mais adequado às emergências em saúde. Somado a isso, a pesquisa aponta que movimentos decoloniais na saúde têm criado experiências plenas de cuidado em coletividade. É o caso do Bem Viver, que nos abre caminho para o aprendizado com epistemologias pautadas na reciprocidade cuidadosa entre todos os seres da Natureza. Assim é que se abre a “possibilidade de potencializarmos outras narrativas para a promoção de saúde e para o adiamento do fim do mundo” (ALBUQUERQUE; FLEURI, 2020).

De outro lado, Lorena Lima de Moraes, Shana Sampaio Sieber e Juliana Nascimento Funari refletem sobre a vida de mulheres na pandemia com destaque para o trabalho de lideranças rurais no combate à disseminação do vírus em suas comunidades. Assim como no presente trabalho, entrevistas foram realizadas com mulheres no contexto mencionado. Nelas, as participantes disseram de suas atuações políticas e comunitárias em diferentes realidades do Nordeste brasileiro. A partir de tal, as pesquisadoras recorreram a feminismos diversos para compreender, dentre outros fenômenos: a reprodução de estereótipos de gênero, as situações de violência e as estratégias locais de cuidado e autocuidado relatadas. Por fim, perpetuando o acidental diálogo frutífero entre produções brasileiras e hispânicas, é relevante ressaltar o trabalho de Cláudia Milena García-Petit Monserrat. A pesquisadora enfoca as redes de apoio e tecidos associativos criados durante a pandemia na Comunidade Valenciana, buscando compreender as vias encontradas pela população no apaziguamento das consequências da doença.

Cuidado de si

Versar sobre cuidado coletivo é versar sobre o cuidado de si, e vice-versa. É o que reforça o Dossiê “A pandemia de Covid-19 na vida de mulheres brasileiras”, no qual Lorena Lima de Moraes e Andressa Lidicy Morais Lima reúnem reflexões e análises sobre as mais diversas decorrências da repentina crise. Mesmo assim, fazem o esforço de refletir especificamente sobre autocuidado, pensando em cada uma das individualidades que compõem um grupo. Santos, Lima, Barbosa, Ciciliotti e Andrade problematizam, em “Cuidado de si: trabalhadoras da saúde em tempos de pandemia pela Covid-19”, as práticas de cuidado com foco na proteção das mulheres profissionais de saúde. O artigo indaga sobre a crise do cuidado e ressalta o autocuidado das trabalhadoras como possibilidade do abandono de práticas de dominação rumo à criação de práticas de liberdade.

Ao mesmo tempo, a teologia feminista respalda preciosidades da vivência pandêmica de mulheres quando Claudete Beise Ulrich, Nivia Ivette Núñez de la Paz e Marga Janete Stroher publicam “Mulheres em tempos de pandemia: a cotidianidade, a economia do cuidado e o grito uterino!”. A procura pelo entendimento de como tem sido a experiência delas durante a pandemia, considerando o acúmulo dos cuidados enquanto tarefa historicamente feminina, desemboca na testemunha bibliográfica de gritos que ecoam com justa indignação. A pandemia

é apontada como fenômeno que evidencia desigualdades preexistentes, quando se reconhece que o aumento do trabalho não ou mal remunerado recai principalmente sobre os ombros de mulheres pobres, negras, idosas e com deficiência. O que se clama, por fim, é a reinvenção radical do mundo que compartilhamos.

4. METODOLOGIA

Foram realizadas entrevistas, presenciais ou virtuais, com cinco mulheres trabalhadoras de variadas faixas etárias, raças, profissões e cidades de moradia, inseridas em contextos socioeconômicos e realidades cotidianas também diversificadas. As entrevistas foram semi-dirigidas, individuais e constituídas por um encontro com duração aproximada de uma hora, guiadas pelas perguntas “Como você cuida de si mesma durante a pandemia? E do seu entorno?” e “Suas práticas de cuidado mudaram em relação ao que eram antes da pandemia? Se sim, como?”.

A escolha por entrevistas semiestruturadas se atribui ao fato destas seguirem, mas não se restringirem a um roteiro prévio que, por sua vez, assegura que a abordagem cobrirá as hipóteses ou os pressupostos pertinentes à pesquisa (MINAYO, 1993). Quando atentando pesquisadores pouco experientes, Maria Cecília de Souza Minayo ressalta a importância de não analisar apenas “os temas previamente estabelecidos, sem ter o cuidado de explorar as estruturas de relevância dos entrevistados, trazidas do campo” (p. 267).

O projeto da pesquisa que resultou nesta monografia de dissertação de curso, por sua vez, foi aprovado pelo Comitê de Ética da PUC-SP sob o protocolo nº 4.487.485 de 30 de dezembro de 2020 (CAAE: 39330720.1.0000.5482).

4.1 Participantes e Procedimentos

São mulheres brasileiras, natas ou naturalizadas, nascidas em diferentes regiões do mundo e atualmente residentes no estado de São Paulo. São pessoas que, entre janeiro e março de 2021, tiveram disponibilidade material e afetiva para participarem da presente pesquisa mesmo diante da Covid-19 se intensificando dia após dia. Foram convidadas a participar através de ligações ou mensagens de texto enviadas pela pesquisadora, que informou o objetivo da pesquisa e detalhes burocráticos sobre a realização da entrevista: sua duração aproximada, necessidade de preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, além da possibilidade de ser tanto virtual quanto presencial. A partir deste primeiro contato, participante e pesquisadora acordaram dia e horário viável para o encontro em questão. Na feitura da pesquisa, foram adotados nomes fantasia para a preservação do anonimato das envolvidas, conforme garantido pelo TCLE. Todos os nomes foram escolhidos pelas próprias entrevistadas, com exceção de “Lírio da Paz” e “Véu de Noiva” que, por sua vez, são as flores preferidas das

participantes em questão: critério estabelecido pela pesquisadora para atribuição do nome daquelas que optaram por não o designar elas mesmas.

Ao passo que questionou de que forma as entrevistadas gostariam de ser nomeadas, a pesquisadora pediu que elas respondessem brevíssimo questionário com o intuito de mapear o perfil das participantes: raça, idade, cidade de residência e profissão. Lírio da Paz se autodeclara morena, tem 52 anos, reside em Itapecerica da Serra e trabalha como diarista. Adelaide se autodeclara negra, tem também 52 anos, reside em São Paulo e trabalha como consultora na área socioambiental. Maria Clara se autodeclara morena, tem 38 anos, reside em Ilhabela e trabalha como cozinheira. Emília se autodeclara amarela, tem 70 anos, reside em São Paulo e trabalha como massagista. Vêu de Noiva se autodeclara branca, tem também 38 anos, reside em São Bernardo do Campo e trabalha como médica.

Importante limitação da amostra, neste sentido, é a ausência de participantes originárias desta terra que apenas após a invasão dos colonizadores passou a ser denominada Brasil. A pesquisadora lamentavelmente não teve condição de encontrar mulheres pertencentes aos povos Guarani Mbya, Tupi Guarani, Kaingang, Terena ou Krenak (por exemplo) com disponibilidade e/ou possibilidade material de participar da presente pesquisa. Dada a liderança destas mulheres na defesa dos direitos da terra, a presença delas em futura pesquisa mais aprofundada sobre o tema é imprescindível.

Outra ausência que se configura como limitação da amostra é, ao que se sabe, a de mulheres com deficiência. A menos que alguma(s) das cinco participantes seja(m) pessoas com deficiência e tal não seja do conhecimento da pesquisadora, a pesquisa infelizmente também não pôde abarcá-las. Por serem consideradas mão de obra improdutiva sob a ótica mercantilista, são frequentemente invisibilizadas e têm seus direitos especialmente atacados pelas frequentemente capacitistas exigências do mercado de trabalho. Neste sentido, a presença inquestionável delas na tal futura pesquisa seria igualmente imprescindível.

Três das participantes da pesquisa compõem a rede afetiva da pesquisadora, enquanto duas foram indicadas pelo seu ciclo social. Por isso, o processo de escolha das entrevistadas se aproxima da Amostragem Bola de Neve inicialmente descrita por Coleman (1958) e Goodman (1961). Também conhecido como método de cadeia de referências, “não se utiliza de um sistema de referências, mas sim de uma rede de amizades dos membros existentes na amostra”

(DEWES, 2013, p. 7) e é recomendado para processos amostrais que abarquem “populações escondidas ou difíceis de encontrar” (idem). As mulheres trabalhadoras sobreviventes pandêmicas se enquadram em tal classificação, ao serem parte do incomum grupo de pessoas dispostas a compartilhar intimidades e frescas elaborações para a feitura de um Trabalho de Conclusão de Curso acerca de uma pandemia devastadora ainda em pleno momento de acontecimento.

Assim, o método de aplicação da Bola de Neve se deu conforme etapas previamente especificadas e recomendadas: o encontro de pessoas acessíveis à pesquisadora e pertencentes à população-alvo do estudo (que, por sua vez, se configuraram como *sementes* da amostra) e, quando necessário, os posteriores pedidos por indicações de outras pessoas que as primeiras considerassem também pertencentes ao grupo em questão. Além de ser um processo barato, o método escolhido tem a grande vantagem de propriamente viabilizar esta natureza de pesquisa, ao envolver relações de confiança que não existiriam caso a pesquisadora implicada fosse desconhecida aos afetos das participantes. Entretanto, conforme aponta João Dewes (2013), se trata de um modelo não-probabilístico e, portanto, os resultados obtidos não permitem fazer inferências generalizadas sobre a população.

A depender da vontade das contatadas, as entrevistas se deram presencial ou virtualmente: as três mais próximas da pesquisadora optaram por encontros presenciais, enquanto as duas menos próximas optaram pelo espaço virtual em razão de circunstâncias específicas de saúde e contexto familiar. Na vida presencial, medidas de higiene contra a transmissão do coronavírus foram adotadas: distanciamento físico, uso de máscara, ambiente arejado e álcool em gel à disposição. Já as entrevistas virtuais consistiram em vídeo chamadas, via Whatsapp ou Zoom, nas quais a pesquisadora seguiu a mesma conduta adotada nos encontros presenciais: resgatou o objetivo geral da pesquisa (previamente especificado nos convites), esclareceu eventuais dúvidas, fez as perguntas especificadas anteriormente, escutou e eventualmente formulou perguntas específicas, de modo a amplificar os assuntos trazidos por cada uma das participantes ao longo das entrevistas. Duas entrevistadas preferiram responder ambas as perguntas do questionário em uma vez só, enquanto três optaram por responder a primeira e posteriormente a segunda. As entrevistas com Lírio da Paz, Maria Clara, Adelaide, Vêu de Noiva e Emília se deram entre janeiro e março de 2021.

Já o discurso das entrevistadas foi abordado a partir da Análise de Conteúdo apresentada por Laurence Bardin (1977). O foco analítico, ao invés de se firmar na estruturação discursiva de cada uma delas, ressaltou aquilo que elas diretamente disseram. Colhidas as falas, tais foram categorizadas através do processo estruturalista de isolar elementos e seguidamente reparti-los conforme proximidade temática.

A partir do momento em que a análise de conteúdo decide codificar o seu material, deve produzir um sistema de categorias. A categorização tem como primeiro objetivo (da mesma maneira que a análise documental), fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos. (BARDIN; 1977, p. 119)

Cabe ressaltar que nem todas as falas colhidas compõem este trabalho, uma vez que foram muitos e extensos os conteúdos abordados pelas entrevistadas. Neste sentido, a tal “representação simplificada dos dados brutos” de Bardin ganha especial relevância. Quando perguntadas sobre cuidado na pandemia, elas citaram comportamentos que bastante resumidamente respondem ao objetivo principal da pesquisa: como mulheres trabalhadoras cuidam de si mesmas e de seu entorno durante a Covid-19? Além dos típicos cuidados de higiene caseiros contra a transmissão do vírus, Adelaide dá especial importância à boa alimentação, exercício físico, militância nas redes sociais e distanciamento social nos cômodos da mesma casa para preservar a saúde das pessoas que ali convivem. Vêu de Noiva realiza atividades físicas de alta intensidade e passeia por lugares sem aglomeração com sua família, enquanto Maria Clara cozinha, assiste vídeos de Autoajuda e conversa muito com seus filhos. Lírio da Paz medita com muita frequência, chama atenção de seu marido quando ele esquece de se cuidar e toma conta de uma horta, ao passo que Emília se alimenta de forma saudável, deixa de atender determinados clientes e procura manter convivência pacífica na sua família.

5. O QUE DIZEMOS EM 2021

Este momento do entrelaçar das falas das entrevistadas com a bibliografia previamente apresentada, corpo original da presente pesquisa, exigiu da pesquisadora o que Minayo (1993) denominou a capacidade de “explorar as estruturas de relevância” dos temas que desaguam no instante de cada uma das entrevistas. A entrevista semiestruturada, ainda que delimite temas específicos de condução, não limita a relevância de temáticas inesperadas que venham a se mostrar relevantes nos encontros. Por isso, na feitura da presente análise se tornou necessária a adição de reportagens e artigos inéditos nos capítulos prévios, que situassem especificamente o contexto pandêmico do qual as entrevistadas se debruçam sobre enquanto tematizam o que lhes foi diretamente questionado.

O conteúdo prestes a ser apresentado foi distribuído em categorias de análise, distribuídas a partir do conteúdo entoado pelas participantes: a Covid-19 em si; o cenário político pandêmico brasileiro e a negligência do cuidado; práticas de cuidado; reflexão ecofeminista. Portanto, enquanto as duas primeiras seções situam cenários de morte e desalento, as duas últimas resgatam vida e movimento de libertação.

5.1 “Ela se chama corriqueira, porque ela corre que é uma beleza atrás da pessoa que ela quer pegar”

Até o dia 13 de junho de 2021, 3.799.883 mortes por coronavírus foram registradas no mundo, sendo 487.401 apenas no Brasil⁵. Após mais de um ano vivendo o devastador cenário pandêmico, as representações, medos e aflições de sobreviventes acerca do novo vírus foram sendo cada vez mais precisas e elaboradas. Lírio da Paz, certa e original, apelida a Covid-19 de “corriqueira” ressaltando a sua dinâmica de contaminação via convívio social.

Corriqueira é que ela corre em todo mundo. É idoso, é criança, é jovem. Não importa. Por isso ela é corriqueira, ela não se importa com a idade! Ela vai assim, ó... vai aqui, vai ali, vai aí... É igual maria vai com as outras. Ela vai! Ela vai, Maria Corriqueira!

⁵ Segundo levantamento da Johns Hopkins University em 13/06/2021 às 22:23, <https://www.arcgis.com/apps/dashboards/bda7594740fd40299423467b48e9ecf6>

Contaminação essa que, se dando desenfreada por todos os cantos onde exista aglomeração, se traduz na superlotação de hospitais por todo o país⁶. Corriqueira que é, a doença tem preferência especial por um destino infelizmente concorrido: os leitos de UTI. Além de obviamente se constituírem como focos máximos do vírus, os hospitais abrigam as árduas rotinas de trabalho precarizado de milhares de profissionais da saúde⁷. É a desgastante realidade mais imediata de Vêu de Noiva, médica atuante na rede pública de São Bernardo do Campo (SP). Seu cotidiano ronda entre a necessidade de trabalhar horas extras sem remuneração alguma para cobrir o luto de colegas perdendo pessoas próximas para a Covid-19, preocupação da reinfeção pelo vírus mesmo pós-vacina sendo cada vez mais expressiva nesta classe trabalhadora e a necessidade de passar dias seguidos longe da família para minimamente suprir as demandas da superlotação desassistida decorrente da insuficiência de profissionais contratados. Refletindo sobre nuances da já longa convivência com o vírus, ela conta como a realidade em março de 2021 (período de realização da entrevista) continuava especialmente preocupante, apesar do conhecimento já acumulado pela comunidade médica no manejo dos casos de infecção.

Estatisticamente, se fizesse uma coisa direito agora, ia refletir dentro dos hospitais daqui cinco semanas. Então quer dizer, a gente ainda ia ter um colapso. Porque cinco semanas ainda em crescente, a gente não tem estrutura. O país não tem estrutura. São Paulo não tem, imagina outros estados. Porque a gente não sabe como trata o Covid, mas com nosso conhecimento, que que aconteceu? A gente consegue prolongar, então a gente conseguiu prolongar tudo. Paciente fica mais tempo internado, mais tempo e ... sai. Muitos já tão se salvando né. Morre sim, mas muitos se salvam. A gente já tá aprendendo a conviver com ele. Mas as internações são maiores, o período é maior... então tá muito cheio. E a internação tá durando muito mais. Então, ia demorar. Estatisticamente a gente sabe que ia demorar mais de um mês pra refletir. Mas vai, iria ajudar...

⁶ Segundo o Estado de Minas, no dia 23/02/2021 doze estados mais o Distrito Federal estavam com lotação acima de 80% nos leitos de UTI da rede pública em razão da Covid-19. Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2021/02/23/interna_nacional,1240047/covid-19-12-estados-e-o-df-enfrentam-superlotacao-de-leitos-de-uti.shtml

⁷ Em entrevista ao Nexo divulgada no dia 12/12/2020, Maria Helena Machado (Fiocruz) menciona que “esses profissionais já entraram na pandemia numa situação muito delicada. Na pré-pandemia, muitos deles tinham vínculos precários, com condições de trabalho não adequadas, salários baixos. Na pandemia, esses profissionais passam a assumir uma responsabilidade extraordinariamente grande, acarretando uma sobrecarga de trabalho imposta pela crise sanitária”. Disponível em:

<https://www.nexojournal.com.br/entrevista/2020/12/12/Profissionais-da-saude-se-sentem-esgotados-e-com-medo>

Ainda falando sobre o devastador cenário pandêmico da ocasião específica da entrevista⁸, Vêu de Noiva, que já testou positivo para a Covid em 2020, atribuiu o contínuo aumento dos casos à própria mutação do vírus e se assustou inclusive pessoalmente com o fato do perfil dos grupos de risco estar se aproximando de faixas etárias mais novas.

Não veio com tanta força ano passado como tá agora esse ano. E mudou um pouco o padrão. Estamos sabendo de muita internação de gente nova, 24 anos, 27... óbito de paciente com 30... Então eu acho que tá mexendo emocionalmente mais com a gente porque pega a gente que tá na ativa né.

De acordo com o virologista José Eduardo Levi em entrevista dada a Ingrid Luisa (2021), a quantidade de contaminações, o desrespeito às medidas de restrição, a falta de sequenciamento do vírus e a lenta vacinação tornam o Brasil um dos destinos prediletos das novas variantes do coronavírus. Segundo ela, até 15/04/2021 mais de mil variantes foram detectadas ao redor do mundo, sendo que entre 60 e 100 circulavam em território brasileiro. Neste cenário, enquanto várias pessoas idosas já foram vacinadas, a juventude continua sem imunização e frequentemente desrespeitando as medidas de prevenção da doença.

Assim, um maior número de pessoas jovens contaminadas e com complicações graves é característica da segunda onda pandêmica brasileira. Dados do governo paulista declaram 60% dos leitos de UTI do estado sendo ocupados por pessoas de 30 a 50 anos, em sua maioria sem doença prévia (MAGENTA, 2021). Em contraponto, na primeira onda o perfil de intubação eram pessoas idosas e/ou portando doenças crônicas. Tal problemática também se aproximou literalmente de Adelaide, que ainda em fevereiro de 2021 disse dos medos de conviver com uma irmã afetada pela doença, ao abordar a angústia decorrente da incerteza sobre o comportamento do vírus a depender do corpo em que se instala.

Fica aquele suspense até você saber que a pessoa não tá mais contaminando ninguém e aí você fica mais tranquila. Mas rola um medinho aí de fundo. Apesar de eu ser bem serena, bem tranquila! Rola um pavor, né... pela fragilidade da minha mãe já idosa e da minha circunstancial nesse momento. Eu tô com essa coisa fanha, uma coisa respiratória... tão investigando ainda e pode ser algo de imunossupressão. Então se eu pegasse poderia ser algo perigoso.

⁸ A entrevista com Vêu de Noiva foi realizada virtualmente no dia 3/03/2021. Em 19/03/2021, segundo a CNN Brasil, março de 2021 era considerado o mês mais letal desde o início da pandemia até então. O número de mortes contabilizadas no país apenas naquele mês superava 35.372. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/03/20/marco-e-o-mes-mais-letal-por-covid-19-desde-o-inicio-da-pandemia-no-brasil>

As incertezas e o temor frente ao comportamento do vírus, além das suas inúmeras devastadoras consequências, são consenso no discurso de todas as entrevistadas. Na tentativa de encontrar terreno comum, apesar muitas são as iniciativas discursivas que tematizam a dura realidade pandêmica. No artigo “Apontamentos do espanto na crise Covid-19” a jornalista e pesquisadora Cremilda Medina (2020) apresenta precisa elaboração a respeito deste cenário, partilhado não apenas entre as entrevistadas, mas inclusive entre eu, provavelmente você que lê este parágrafo e a maioria das pessoas vivas no Brasil de 2021:

Reflexões, análises e diagnósticos, comportamentos culturais e propostas de educação higiênica coletiva, pinceladas de contextos dramáticos nos hospitais, nas filas da Caixa Econômica para retirar informações e auxílios emergenciais – eis imagens do desespero como nunca se viu perante a morte e o despejo dos anônimos, invisíveis, deserdados ou simplesmente infectados em valas comuns. Eis o espanto de uma história coletiva, nacional, grupal, individual (p. 5).

Ainda que a perplexidade incômoda seja em maior ou menor grau sempre coletiva, o espanto de Emília frente à aparição e persistente manifestação do novo coronavírus é particularmente expressivo:

Hoje eu tenho 70 anos de idade, vou entrar na carreira dos 71 ano, e nunca eu vi essa doença! Essa bactéria que eu não sei da onde que surgiu. Eu nunca vi (...). Mas a gente não pode falar nada. Quem eu sou pra dizer o que? A gente não sabe nem da onde que veio. Tão falando que veio da China, mas vai lá saber! É o medo, medo de tudo, porque não sabe da onde que vem. Sabe? Não sei. Olha, nós já tivemos febre amarela, malária, tivemos não sei o que lá espanhola, mas nunca nós pegamos um vírus tão forte. Não sei, pela pesquisa, não sei. Tão falando que isso não é do ar nada. Deve ser de algum alimento. Bicho.

Nas primeiras semanas da pandemia no Brasil, entre final de março e abril de 2020, Vera Brandão (2020) enviou um questionário a mulheres e homens de sua rede afetiva com 60 anos de idade ou mais. As respostas colhidas ao redor da pergunta “você considera que esta pandemia da Covid-19 é um sinal de alerta?” foram tanto objetivas quanto mais reflexivas. Ao passo que algumas falas trouxeram importantes pontuações sobre o estigma social cativado em torno das pessoas mais velhas enquanto “grupo de risco” na época, outras ressaltaram a tal angústia da incerteza instalada pelo inédito tempo: desabamos do pedestal de progressos científicos triunfantes e suas falácias do controle, retornando ao terreno baldio de nossa vulnerável e incerta condição.

Continuando a indagação frente ao fenômeno, Emília aponta para o caráter invisível da doença como um motivo de constante aflição em não saber se a contaminação existe ou não. A partir daí, ela elabora um peculiar mapeamento de possíveis dinâmicas de mundo que, entrelaçadas, haveriam culminado no caos pandêmico em questão.

Acredito que essa doença é uma doença maldita, viu? Por isso que ó, agora na Bahia, tá tendo epidemia de bicho, você percebeu? Os peixe tão, tem gente que tá tendo. Em Manaus tudo tem gente que tá tendo aquele tipo de diarreia. Então, até o mar. Até o mar tá sem oxigênio. Eu acho que tinha que ter essa doença mesmo, acho. Pra que? Pra limpar um pouco. Desculpa de falar desse jeito, não é isso que eu queria dizer, mas tinha que fazer um pouco de limpeza. Veio pra limpar. Porque aquele que ficou agora, minha filha... Vai fazer tudo pra levantar.

Já Maria Clara, mais jovem que Emília e as entrevistadas e entrevistados de Vera Brandão, quando em questão sobre o coronavírus prefere evocar combativamente a perversidade de instituições que se beneficiam do espanto e do medo da população frente à mais nova pandemia:

Porque eu sei que tem um risco grande, eu sei do perigo que é, mas focar nele só faz a gente adoecer! (...) A doença ela vem e por isso que cada vez mais aparece doença porque cada vez mais a gente tá tudo muito louco e põe coisa na cabeça e vai colocando e realmente parece assim que é uma conspiração essa televisão que faz você né. Junta a televisão com a religião com a indústria farmacêutica, que são as três piores coisas que existe no mundo, que a gente somos dependente deles...

A seguinte seção da presente análise se articula intimamente com esta questão, ao refletir sobre determinadas nuances brasileiras do cenário político 2020-2021, negacionismo e negligência do cuidado.

5.2 “A ganância deu no que deu. Então todo mundo paga por isso, aqueles que não tem pecado e aqueles que tem pecado”

Como se não bastassem os horrores diretamente pandêmicos ao redor do mundo, quem vive no Brasil ainda há de suportar intensas crises políticas e sociais mescladas ao colapso sanitário. A ganância de alguns, como bem menciona Emília, resultou no macabro cenário coletivo de 2020 para 2021 do qual ninguém tem real escapatória. Em território brasileiro não é apenas o vírus, o medo e a tristeza que matam, mas também o negacionismo exacerbado. Em “Negacionismo na pandemia: a virulência da ignorância”, a especialista em Jornalismo Científico (Labjor/UNICAMP) Luciana Rathsam (2021) aponta como práticas negacionistas

comuns ao tempo histórico em questão a negação ou minimização da gravidade da Covid-19, a boicotagem das medidas de prevenção, a omissão de dados epidemiológicos precisos, a displicência na elaboração de efetivas estratégias nacionais de saúde, o incitamento a tratamentos preventivos sem validação científica e as tentativas de descredibilização da efetividade de vacinas. Ainda segundo ela, tais práticas influenciam diretamente na adesão da população aos protocolos para a contenção da pandemia, além de ameaçarem a democracia do país e acentuarem incertezas generalizadas.

Todas as entrevistadas da presente pesquisa, em maior ou menor grau, demonstram inconformidade e/ou raiva frente a tal situação. Quando Maria Clara disse que fica espantada porque “até hoje tem gente que não acredita no coronavírus, acha que isso é uma conspiração de alguma coisa e que essa doença não existe” seu espanto ressoa na ocasião brilhantemente vivida por Lírio da Paz:

Vai ver qual é a intenção da mente dessas pessoa. Dentro da mente dele, o que que ele pensa? “Ah, não sou eu mesmo! Num é eu memo!” (...) A mente dele ali dentro. De ver essa pandemia e ele sem máscara. Ai ó, vai olhar pra gente que tá com máscara “alá os otário, alá os besta”. Já me falaram até “como é que você consegue ficar com essa focinheira?”. Ela chega a me falar isso! A pessoa sem máscara e vira pra mim e fala assim, aí eu bem falei “vou dar a resposta né: isso aqui não é focinheira, porque eu não sou égua. Eu não sou, então isso aqui não é focinheira. É uma proteção que eu tô tendo por causa de você”. Ai a pessoa fala assim “por que por causa de mim?”. “Porque eu não sei se você tá com essa doença e pode pegar em mim. Ou eu tar com essa doença e pegar em você”. Então, a pessoa fica calada e o olhar se rebaixa a cabeça, de pensar que é verdade aquilo que eu tô falando, entendeu? Eu não tô de focinheira, que eu não sou nenhum animal pra tar com isso! Eu tô é me protegendo!

Ainda indignadas e refletindo sobre posturas negacionistas de pessoas ao seus redores, as entrevistadas citam vizinhanças que não querem tomar a vacina, jovens frequentando festas clandestinas, clientes de padarias que não se dão nem o trabalho de passar álcool na mão quando entram nos estabelecimentos, pessoas que continuam a sair para beber e fazer churrasco com os amigos, donos de restaurante desrespeitando os horários permitidos para abertura e fechamento, além de prefeitos ignorando o plano estadual de contenção do vírus. Maria Clara cita, inclusive, que um dos primeiros casos de morte em Ilhabela⁹ foi de um senhor que se

⁹ Enquanto a primeira morte por Covid-19 no Brasil foi registrada na cidade de São Paulo em 12/03/2020, em Ilhabela/SP a primeira morte suspeita por coronavírus ocorreu apenas no dia 20/05/2020.

reuniu com vários amigos em uma festa nas primeiras semanas da quarentena. Indo mais longe e resgatando a origem ao que se sabe chinesa da pandemia, Emília condena a incompetência gananciosa do governo chinês na contenção da até então epidemia.

Na China lá também falou que tinha um tipo de bactéria. Quando um médico soube disso, por que então o governo da China escondeu? Esse médico que descobriu, ele não morreu? Porque que se ele tivesse falado e todo mundo tivesse dado aquela atenção, o que que podia ter feito? Podia ser que não tinha afetado nada. Não tinha Carnaval, não tinha porcaria nenhuma. Devia ter evitado. O ser humano é tão fraco, o ser humano é fraco, o ser humano só pensa em número. A ganância deu no que deu. Então todo mundo paga por isso. Aqueles que não tem pecado e aqueles que tem pecado.

Da mesma forma que o discurso de todas participantes perpassa perplexidade ante aos negacionismos cotidianos, em nenhuma das entrevistas a palavra “política” foi sequer mencionada nas perguntas iniciais e, mesmo assim, nas reflexões sobre o tempo pandêmico era inevitável criticar o governo de Jair Bolsonaro ao abarcar os inúmeros cenários de negligência do cuidado. Semelhante aconteceu entre as entrevistadas da pesquisa de Gênero e Número/SOF, citada anteriormente. Ainda em março de 2021, Vêu de Noiva escancarou o realismo absoluto de profissionais na linha de frente do combate ao coronavírus, em contraposição à grave postura negacionista encabeçada pelo presidente, ao tematizar a dificuldade deste último na lida com o Ministério da Saúde¹⁰.

É, a gente já sabe, a gente tá vendo o colapso chegar. Coisa que nosso presidente não tá enxergando... Não vamo falar de política, mas tá difícil hein, não falar de política na saúde! Eu juro que eu vou tentar não falar, mas é difícil pra gente! Eu acho que não tem um médico! Por isso que ele não arruma secretário na saúde, ele não consegue pôr ninguém, porque não dá! Não dá pra pôr alguém lá em cima. Ninguém vai aceitar, entendeu? Se pensar um pouquinho não aceita né. Porque tá difícil pra gente, a gente tá vendo o colapso chegar, entendeu? E não vai ser um colapso só da saúde, vai ser um colapso na saúde e funerário, porque não vai ter caixão pra enterrar, não vai ter cemitério! Não vai ter! Não vai ter como fazer isso. E a gente tá, tá nos nossos olhos... não tem respirador! Cê deixa o paciente com condições de ventilador, sem ter o ventilador. Cê não tem onde pôr, então ele vai ficar lá!

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/27/primeira-morte-por-coronavirus-no-brasil-aconteceu-em-12-de-marco-diz-ministerio-da-saude.ghtml>

<https://www.tamoiosnews.com.br/noticias/cidades/covid-19-ilhabela-registra-primeira-morte-suspeita/>

¹⁰ Desencontros políticos nos cargos diretamente responsáveis pela Saúde foram característica do governo Bolsonaro. Para se ter um exemplo, desde o início da pandemia, quatro homens já ocuparam o cargo de ministro da Saúde: Luiz Henrique Mandetta (entre 1/01/2019 e 16/04/2020), Nelson Teich (entre 16/04/2020 e 15/05/2020), Eduardo Pazuello (entre 15/05/2020 e 15/03/2021) e Marcelo Queiroga (de 23/03/2021 até o momento de elaboração da presente análise). <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/15/mandetta-teich-pazuello-e-queiroga-os-4-ministros-da-saude-da-pandemia.htm>

70 e pouco de saturação e cê fala assim “tem que ficar aí, porque é o que tem pra hoje”. Então assim, já chegamos no colapso!

Quando cita o colapso também funerário, a participante ressoa o manifestado por Lourival Panhozzi (Abredif - Associação de Empresas e Diretores do Setor Funerário) em entrevista a Audrey Furlaneto, Rafael Garcia e Ivan Matinez-Vargas (2021). Em março do segundo ano pandêmico, ele afirmou que estávamos descartando corpos ao invés de sepultando pessoas ao desabafar sobre os riscos da falta de urnas funerárias suficientes para as mortes por coronavírus. Enquanto a média pré-pandemia era de 3.575 óbitos por dia, até a ocasião da entrevista o número subiu para 5.555¹¹. Diferente de serem meros números, são pessoas que estão morrendo; diferente de serem humanidades generalizadas, as vítimas têm idade, gênero, raça, classe. Quando na ocasião da entrevista com Lírio da Paz ainda ao final da primeira onda pandêmica, ela vincula o discurso negacionista egoísta de Bolsonaro ao favoritismo político vitimizador recaindo sobre pessoas idosas:

Muita gente fala assim “ah essa doença... isso não é nada”. Isso é o que eles pensam, que eu já vi muitos falar. Igual esse... presidente, né? Sei lá, esse homem... Aquele sujeitinho... No começo da pandemia, falar assim que essa doença não é nada? E por que que ele não quer tomar vacina? Porque ele não quer tomar. Pois é... Se ele não quer tomar, problema é dele. Não quis nem liberar a vacina direito pra mandar pra cá, gente... pra salvar as pessoa aqui, que tá mais pior... nem isso. Será que ele quer viver assim nessa vida? Ah, tem que pensar um pouquinho. Pensar um no outro. Ou será que ele não pensa... Não, não deve pensar mesmo não... porque, do jeito que ele fez... Ah, não pensa não! Pensa não, ele quer mais que a pessoa morra, aí já como eu falei pro meu marido assim, que ele quer se livrar dos idoso. É dos idoso que ele tá querendo se livrar pelo jeito... porque é tanta coisa sobre esses coitado. Tudo é os idoso!

Tal teor discursivo transparece quando Paulo Guedes, Ministro da Economia, relacionou a longevidade à quebra dos cofres públicos em reunião do Conselho de Saúde Complementar realizada no dia 27 de abril de 2021 (KUHL, 2021). Segundo a reportagem de Nathalia Kuhl, este declarou que “todo mundo quer viver 100 anos, 120, 130 anos”, desejo que “não há capacidade de investimento para que o Estado consiga acompanhar”. Em nota pública de repúdio à tais declarações, a AMPID (Associação Nacional dos Membros do Ministério Público de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência e Idosos) declarou que o entendimento deste sobre a consensual insuficiência de verba direcionada à saúde

¹¹ Tais dados foram afirmados no dia 25/03/2022, data de publicação da tal entrevista.

além de afrontar proposições dos organismos internacionais (ONU e OEA) e do ordenamento jurídico brasileiro garantista de direitos da pessoa idosa (Constituição da República, Estatuto do Idoso – Lei n. 10.741/2003), revela o preconceito – pessoal e institucional – por idade (*idadismo*, *ageismo*, *etarismo*). Essa insensibilidade manifesta só confirma o descaso e a omissão do governo federal com medidas sanitárias e imunológicas firmes de combate à pandemia, que vem vitimando milhares de pessoas idosas pela Covid-19.

Traçando análise ético-política sobre dados de morte pelo novo coronavírus, o artigo “Necropolítica da pandemia pela Covid-19 no Brasil: quem pode morrer? quem está morrendo? quem já nasceu para ser deixado morrer?” resgata olhar às pessoas mortas que nunca foram contabilizadas como vidas dignas e, portanto, passíveis de luto. Navarro, Silva, Siqueira e Andrade (2020) denunciam a atuação já anteriormente necropolítica do Estado que, ao produzir mortes mas não qualquer morte, se cronifica no contexto pandêmico imediato através da subnotificação de corpos negros, originários, pobres, periféricos e, neste recorte específico, idosos:

Os distritos da cidade de São Paulo com maior quantidade de mortes por coronavírus, ou suspeitas, concentram grande quantidade de favelas, cortiços e conjuntos ou núcleos habitacionais, onde o risco de morrer pela doença é até 10 vezes maior do que em bairros com melhor condição social e que pessoas negras têm 62% mais chances de morrer por Covid-19 do que as brancas. Dentre esses territórios, Brasilândia, localizada na zona norte de São Paulo e um dos mais populosos da capital paulista, concentra o maior número bruto de óbitos (confirmados ou suspeitos) por coronavírus, e onde as pessoas, na maioria idosas, estão morrendo dentro de casa, sem identificação do vírus e sem atendimento, especialmente pelo fato de a rede de saúde pública já ter atingido o limite de sua capacidade, com quase todos os leitos de UTI ocupados, em muitos locais. (p. 10)

Nesse sentido, trata-se de um “vírus que atende à demanda necropolítica estatal, deixando morrer os que já estavam demarcados para morrer a partir do racismo de Estado” (p. 10) que nos remete ao que apontamos no capítulo “Mulheres brasileiras na Covid-19” da introdução, quando se afirmou que são mulheres negras 58% das desempregadas durante a pandemia, fato que corrobora à condição brasileira histórica de serem as mais expostas a vulnerabilidades sociais que incluem mas extrapolam o desemprego. Apontando a gravidade do cenário político em questão, Adelaide denuncia ao passo que desabafa das inumeráveis perdas de direitos que se anunciam no período pandêmico ao se beneficiarem das restrições sociais impostas pelo vírus:

A gente tá num cenário perigoso. (...) Conselhos que já não existem mais, ou seja, a sociedade civil não tem mais voz. Não existe mais como ser escutado. Já era difícil tendo assento no Conselho, imagina agora que não tem assento né. E a pandemia de alguma forma pra esse cenário tá sendo conveniente, por

isso que não se quer resolver! Deixa o povo preso dentro de casa que não tem passeata! Então, pra que vacina? Não precisa de vacina não, gente! Toma cloroquina, ivermectina, azitromicina e tudo certo né... que você compra porque o Estado mínimo também não vai te dar viu? É desanimador, é. É cansativo, é desanimador, justamente porque eu sou desse perfil, luta pelo ambiente, luta pela igualdade. Eu sou mulher, eu sou negra né, então a gente já tem aí uma carga de lutas naturalmente, pela pessoa que eu sou. Então é decepcionante ver tudo isso que a gente tá vivendo, é muito ruim. E eu fico muito triste até pela geração de vocês.

A tristeza e o desânimo de Adelaide persistem coletivamente quando Vêú de Noiva aborda a ausência de iniciativas estatais que minimamente valorizem o trabalho de profissionais da saúde atuantes na linha de frente, Emília entoava que “o povo brasileiro tá ficando doente” pelo desemprego e pela insuficiência de medidas massivas que verdadeiramente contenham a disseminação do vírus, Lírio da Paz critica quem tem vontade tão grande de se divertir que acaba matando familiares ao passo que se choca com a quantidade de gente que realmente “não se importa com o próximo” e Maria Clara desconfia do real número de mortes notificadas pelas prefeituras enquanto se revolta com o abismo da desigualdade no Brasil:

Às vezes eu choro, que eu falo assim “Que país é esse, né?! O que que acontece?”. E não adianta se eu for lá, eu vou lá em Brasília fazer um escândalo lá, vão me prender. Não tenho liberdade de falar! Porque eles não vão deixar você falar. Entra lá e vai falar mal deles, eles não vão aceitar. E você é livre, Ju! É uma mentira. É uma mentira que nem que a escravidão acabou. Não acabou nada, só assinou um papelzinho lá pra dizer que cê não é escrava! Eu falo a verdade pra você. (...) Eu não tenho muito entendimento da lei, das política assim eu vejo muito pouco. E cada vez que eu tento ver um pouco mais, aprender mais, eu fico com raiva! Eu fico indignada e sabe o que dá vontade? De pegar uma bomba e jogar lá naquele lugar e explodir tudo! É uma enganação esse negócio aí dizendo que nós somos livres... Eu sei que existe países piores. Quando eu tô revoltada assim meu filho fala “Mãe, cê não tá na China!”. Eu falo “Ai, filho, mas eu tô aqui eu tenho que falar daqui, entendeu? Não nasci lá! Se eu tivesse nascido lá”. Ele fala “Ai mas e os chineses? Passando fome, pobre...”. Eu falo “Filho, eu acho que assim... se nós brasileiros fosse tudo tivesse direitos iguais, que não roubassem tanto!”. Porque eu sei que existe hierarquia, sabe Ju? (...) Eu sei que existe patamar de tudo. Mas é que aqui é muito bizarro, aqui a diferença é chocante! É chocante!

Somados os desconfortos decorrentes do coronavírus em si, os negacionismos, os abismos sociais entre as classes cavando cada vez mais fundo, a tradicional atuação necropolítica do Estado persistindo e as incompetências específicas do governo Bolsonaro, de algo temos certeza: existir no Brasil de 2021 não é nada fácil. Por isso, não é de todo surpreendente quando ao final de sua entrevista Emília intuiu que, muitas das pessoas que tiveram suas mortes registradas tendo o tal vírus como causa, na realidade devem ter morrido

de puro desconforto no coração. Coração nosso, coração brasileiro, este que já tão doído ainda há de lidar com uma urgente negligência estatal que, de acordo com a juíza Acácia Regina Soares de Sá (2020) e o professor Adriano Marteleto Godinho (2021) se caracterizaria pela provável responsabilidade civil do Estado por omissão em razão da pandemia de Covid-19¹². É com a intenção de apurar as ações do governo federal no combate pandêmico através de inquérito parlamentar que a CPI¹³ (Comissão Parlamentar de Inquérito) da Covid-19 foi instaurada no dia 13 de abril de 2021 pelo então presidente do Senado.

Mesmo com os tantos horrores de ultimamente estarmos à própria sorte lutando em uma guerra que visivelmente já perdemos, Lírio da Paz desde o princípio da entrevista já nos contou da importância dos pequenos cuidados cotidianos, enquanto insiste que nunca há perda total de esperança para quem tem fé na vida em coletividade, aquela que extrapola deuses de singulares religiões e abarca qualquer confiança na persistência daquilo que nos sustenta a própria existência:

Poxa, tem tanta gente perdendo seus entes queridos... filho perdendo mãe, mãe perdendo filho. Isso mexe com o psicológico da gente. E, por isso, tá certo que a gente tem que rever... ficar assistindo televisão, não. Essa pandemia, ela mexe com a gente. Então eu procuro nem ver mais televisão por causa da pandemia. As notícias, tudo sobre coronavírus eu procuro nem ver. Quando chegar a hora, Deus vai ver. Vai chegar a hora, como chegou... A vacina tá aí, como chegou a hora da gente se livrar, né? Apesar de muita gente falar que a vacina tá fazendo isso, que a vacina tá dando problema... Dá problema! Se a pessoa não crê em Deus. A pessoa tem que crer. Por na cabeça que aquela vacina vai ser de boa cura. Boa liberdade, entendeu? Uma liberdade que você vai ter de poder andar, chegar perto de uma pessoa que tá ali com a doença e poder estender a mão pra ela! Entendeu? Pô, vai lá e toma. (...) Tem hora que dá vontade de falar, sabe? “Moço, por que cê não lava a mão antes de entrar numa padaria?”. Mas aí eu falo assim, não, vai que ele me dá uma má resposta! Aí não vai prestar, aí eu vou abrir minha boca e vou falar “Presta atenção na sua vida então cuida de você e cuida dos outros também!”.

¹² Cf. Revista Consultor Jurídico em 27/06/2020. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2020-jun-27/acacia-sa-estado-responsabilizado-covid-19> e Migalhas, de 16/03/2021, artigo “A responsabilidade civil do Estado pela morte indigna das vítimas da Covid-19”.

Já artigo publicado no dia 16/03/2021 em Migalhas, (UFPB) reflete, em termos jurídicos, “se caberia imputar responsabilidade civil ao Estado em razão da morte de milhares de indivíduos que, em alguns casos, sequer conseguem ter acesso a cuidados médicos adequados, em razão do quadro de colapso do sistema de saúde”. <https://www.migalhas.com.br/coluna/migalhas-de-responsabilidade-civil/341811/a-responsabilidade-civil-do-estado-pela-morte-das-vitimas-da-covid-19>

¹³ Em andamento até a ocasião da escrita da presente pesquisa.

Ao focar as mais diversas práticas de cuidado durante a pandemia, a seção seguinte é alongamento das palavras que saem da boca de Lírio da Paz sempre que ela resolve “abrir a boca” para falar com quem descuida a vida.

5.3 “Não estando em lugar que tem muita gente e cuidando de mim mesma, que aí assim eu acabo cuidando dos outros”

Quando questionadas sobre cuidado de si e do próprio entorno na vivência pandêmica, três das cinco participantes rapidamente numeraram medidas de contenção do coronavírus: evitando aglomerações, negando convites para quase qualquer tipo de proximidade física com pessoas fora do núcleo familiar, usando máscaras, lavando corpo e superfícies constantemente com álcool e/ou sabão etc. Maria Clara, especificamente, tematiza a vitalidade de tais maneiras de cuidado logo na primeira frase que entoa:

Em primeiro lugar, evitando aglomeração né. Isso em primeiro lugar. Eu evito o máximo de estar em lugar com muita gente. Muitos convite negado né porque as pessoas, tem pessoas que não estão encarando isso como eu acho que devia ser, sério né. Então, é um aniversário, é um churrasquinho, é evitando esse tipo de coisas. Acho que é o básico, primeiro. E a higienização com álcool sempre né, tipo quando necessário... se eu for no mercado, na hora que entra usar, na hora que sair usar, chegar em casa deixar o sapato pra fora e logo tomar um banho pra dá uma limpada né, que se tiver qualquer coisa ali no corpo, já é liberado (...). O básico seria isso mesmo, é não estando em lugar que tem muita gente e cuidando de mim mesma, que aí assim eu acabo cuidando dos outros quando necessário estar perto de alguém né.

As medidas enumeradas, já velhas conhecidas de quem se empenhou em tomar parte no combate aos horrores da Covid-19, foram amplamente encorajadas e divulgadas ao longo dos primeiros meses de pandemia, via os mais diversos meios de comunicação. Neste sentido, não é surpreendente que a maioria das entrevistadas as tenha tematizado logo de início. De 2020 para 2021 o contínuo lembrete pelos cuidados mencionados constituíram a base cotidiana das pessoas com a possibilidade material de perpetuá-los e que vivem algum senso ético de saúde coletiva. Mais do que isso, parecem ser condição básica para todas as outras possíveis formas de cuidado subsequentes em meio à uma pandemia. Neste sentido, é animador constatar que em menor ou maior grau todas as entrevistadas se contrapõem aos discursos negacionistas explorados na seção anterior, uma vez que elas demonstram preocupação com a própria saúde e do mundo que as rodeia: mesmo as duas que não trouxeram o tema logo de início o fizeram espaçadamente ao longo das entrevistas.

Ainda que seguindo a maior parte das medidas, Lírio da Paz, Vêu de Noiva e Maria Clara estiveram na mesma situação que aproximadamente metade das entrevistadas na pesquisa “Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia” (2020): impossibilitadas de cumprir o isolamento social em todo ou boa parte do período pandêmico, dada a necessidade inadiável de trabalhar presencialmente. Seja trabalhando como diarista entre Itapeverica da Serra e São Paulo, médica em São Bernardo do Campo ou cozinheira em Ilhabela, as participantes em questão não puderam parar de trabalhar durante longos períodos ou exercer os respectivos ofícios virtualmente, ao contrário de Emília e Adelaide. Sendo assim, foram frequentemente impossibilitadas de cuidar de si mesmas e de seu entorno em razão da precarização de diversos trabalhos informais (no caso de Maria Clara e Lírio da Paz) e da insuficiência de profissionais da saúde com possibilidade de atuação direta contra a pandemia, o que acaba por sobrecarregar quem já ocupa posições (no caso de Vêu de Noiva). Tal realidade confirma o evocado por Hirata (2002), quando investigando as consequências da globalização sobre a divisão sexual do trabalho: o crescimento da participação feminina nos mercados de trabalho formal e informal veio traduzido em empregos majoritariamente precários e vulneráveis.

Mesmo assim, o fato de os cuidados diretos contra a pandemia terem sido amplamente abordados, tanto pelas entrevistadas que puderam diminuir o risco de infecção não trabalhando presencialmente quanto pelas que não puderam, aponta para a possibilidade de persistir cuidando da vida mesmo em cenários que incentivam o contrário. Por outro lado, é possível que tais formas generalizadas de cuidado essencialmente sanitário tenham sido prioritariamente tematizadas, em detrimento de práticas mais singulares e específicas de cuidar, em função da posição invisibilizada que ocupam os trabalhos de cuidado nas sociedades mercantilizadas.

Conforme apontado no corpo bibliográfico inicial, o princípio do cuidado costuma se vincular a uma concepção de não trabalho, ao ser correntemente situado como sacrifício inerente ao gênero feminino (CAROSIO, 2007). Além disso, o mesmo princípio costuma ser tratado com descaso pelas concepções hegemônicas de ética, provavelmente pelo fato deste desafiar “os sistemas de pensamento racionalistas, abstratos, impessoais e detentores de abrangente ascendência social, ética, política e religiosa” (ZOBOLI, 2004, p. 27) ao focar a “capacidade das pessoas importarem-se com os outros, com as coisas, com a comunidade, com uma trajetória de vida ou consigo próprias” (idem).

Tal capacidade de se importar com outras existências se explicita quando Adelaide divide as atribuições domésticas com familiares como forma de gerar conforto e segurança para a mãe idosa, Maria Clara compartilha refeições e boas conversas com os filhos, Emília opta por não atender clientes presencialmente mesmo com alta demanda (para preservar o distanciamento social), Lírio da Paz se certifica de jogar desinfetante no marido e/ou na irmã assim que entram em casa e Vêu de Noiva estabelece dia fixo na semana para não pegar plantão nos hospitais como forma de manter convivência com as filhas.

O cuidado da comunidade, por sua vez, igualmente transparece no discurso das entrevistadas quando elas citam práticas comunitárias próprias recorrentes durante a pandemia. É o caso de Emília e Lírio da Paz: enquanto a primeira repassa receitas de sucos para aumentar a imunidade e dicas para o uso mais efetivo de máscaras faciais para muitas das pessoas que conhece, a segunda conduz familiares e/ou vizinhanças à uma cachoeira próxima ao bairro onde mora para que ali meditem por cima de uma grande pedra. Já Maria Clara e Adelaide relembram feitos de outras pessoas no seu entorno quando, respectivamente, felicita o respaldo dado pela prefeitura de sua cidade através de cestas básicas/diversos auxílios financeiros e diz das pessoas beneficiadas por um projeto tocado por sua empresa de consultoria na área socioambiental:

Essa galera da cultura e da arte realmente perdeu fonte de renda né. Mas também tá de alguma forma buscando alternativas, fazendo coisas virtuais né. E a galera da terra, que mexe com a terra, que você vê que foi super impactada porque os mercados não abrem mais. Mas que passou a vender na porta de casa! Se o mercado não abre, monta ali a banquinha com os alfaces, o que ele colhe, porque perde né. (...) Tem as hortaliças que os caras colhem: não vendeu, morreu. E aí eles começaram a se virar. “Ah, não tem a banca pra vender o alface, ou sei lá o que a pessoa colhe, eu faço um doce, ou faço uma geleia que tem uma durabilidade maior, mas eu consigo de alguma forma vender o que eu tô produzindo”. Os caras foram bem criativos. Foram levar de porta a porta, de bicicleta, de moto, arruma um motoboy que aí o motoboy também tem trabalho!

O relatado se entrelaça com o que apontam De Moraes, Sieber e Funari (2020) ao destacarem o trabalho de lideranças rurais nordestinas no combate à disseminação do vírus em suas comunidades, conforme descrito no levantamento bibliográfico da presente pesquisa. Vêu de Noiva, por sua vez, estando na linha de frente por trabalhar como médica atuante na rede pública, tem no seu próprio ofício cotidiano o cuidado de centenas de pessoas infectadas pela Covid-19. Compõe, assim, a já citada classe de profissionais da saúde: majoritariamente composta por mulheres que são, conseqüentemente e de forma intensificada durante uma

pandemia, as mais expostas aos riscos de infecção, bem como aos males do contato direto e constante com o luto e a doença (UNFPA, 2020) em prol do cuidado da coletividade.

É também recorrente nas falas das entrevistadas o inesperado cuidado com trajetórias de vida. Emília havia economizado grande quantidade de dinheiro ao planejar uma viagem para comemorar seu aniversário no Japão em 2020, quando a pandemia veio a estourar e o dinheiro acabou servindo para que ela pudesse se sustentar em casa um ano inteiro sem trabalhar (dada a impossibilidade de massagear sua clientela, de maioria idosa, virtualmente). Mais uma forma de cuidado pré-pandemia que, subitamente transmutado dado o contexto pandêmico, desembocou em inéditas possibilidades de cuidar é o caso de Maria Clara. Se demitiu de um trabalho que lhe dava algum conforto financeiro mas muita dor de cabeça ainda no início de 2020 e, desempregada em plena reviravolta pandêmica, deparou-se com a sorte de viver em uma cidade litorânea cuja prefeitura lhe pôde oferecer todos os subsídios necessários para a sobrevivência, até o momento em que teve condição emocional de trabalhar com maior autonomia.

Apesar das preciosidades bonitas de vidas perdurando e se transformando, muito da vivência pandêmica particular das participantes não é nenhum mar de rosas. Maria Clara enfrentou dolorosa depressão associada a Lúpus, enquanto Adelaide seguiu descobrindo no próprio corpo a presença de uma doença provavelmente relacionada à imunossupressão. Lírio da Paz presenciou suas fontes de renda praticamente desaparecerem, ao passo que Vêu de Noiva foi obrigada a morar em casa separada de suas filhas pequenas (com a menor em fase de amamentação) durante semanas em razão da periculosidade específica de seu trabalho no hospital. Ela faz parte do grupo de profissionais da saúde na linha de frente que, temendo possíveis contaminações, afastaram-se da família no início da pandemia (ROSO, 2020). Emília, por sua vez, preferiu não entrar em detalhes sobre a sua estadia de um ano em casa e optou por seguidas vezes reafirmar a necessidade coletiva de economia de dinheiro durante um tempo como o pandêmico.

Da mesma maneira que não se trata de um mar de rosas, também não se trata de dor e sofrimento sem fim. Até o momento da entrevista, Maria Clara havia descoberto em si própria um certo poder de auto cura, contradizendo um discurso médico que meses antes lhe afirmou que seus cabelos nunca mais iriam crescer, ao repetidamente procurar formas não

medicamentosas de cuidado (psicoterapia, cozinha, curso online de Autoajuda etc.) e assegurar para si mesma “eu não vou ter mais isso, eu não quero isso pra mim”. Adelaide, por sua vez, encontrou serenidade na lida com a tal da doença até então não diagnosticada e concluiu que não é uma questão de saúde “totalmente tranquila, mas já sabemos que é tratável então tá tudo certo”. Já Lírio da Paz teve condição de recuperar alguma renda, até então perdida pela súbita ausência de demanda pelo seu trabalho como diarista por padrões habituais, trabalhando como faxineira em um apartamento sendo reformado e como estoquista em um mercado próximo à sua casa. Vêu de Noiva, passados tempos especialmente críticos, pôde finalmente reencontrar morada junto das filhas e se emocionar pelo fato de mais nova ter passado uma hora mamando sem nem querer trocar de lado por medo da impossibilidade de continuar no peito.

Estendendo o tema dos cuidados durante a pandemia, Emília pediu que a pesquisadora passasse adiante duas informações de utilidade coletiva: uma que diz respeito à vacina enquanto cuidado e outra, um suco combinado a uma massagem. Quando uma pessoa que toma a vacina contra a Covid-19 sente que está esquecida, é muito provável que não seja um efeito colateral dela em si, mas sim do fato que o corpo endurece ante o medo pandêmico literal de morrer. Então, quando enfim a vacinação lhe significa a salvação da morte, os músculos se relaxam. Além disso, receitou o tal do suco recomendado para melhorar o sangue e uma massagem para levantar energia:

Se você pegar três elemento: maçã, cenoura e beterraba, você passa num centrífugo, você passa num pano, você espreme, toma aquela água. É a quantidade de sangue vermelha que você tem. Pessoa que tem leucemia toma aquilo lá (...). Esses impulso que eu dou levanta as pessoa, Giuli. Quando eu vejo pessoa assim, triste, eu falo “Que que você tem que você tá tão triste?”, aí sabe que que eu faço? Eu tenho um ponto aqui no ciático, que levanta energia. Eu aperto lá, a pessoa grita, minha filha! Fica bem, entendeu? Você viu como que é? Vou tomar um pouquinho de café! Nós támo falando de tanta coisa!

Aproveitando o bom humor e a deixa para o café de Emília, a próximo fragmento deste capítulo procura, considerando o movimento dialético do cuidado de si e do entorno, fazer o breve esforço de delimitar mais particularmente práticas adotadas por cada uma das entrevistadas no seu autocuidado cotidiano em pandemia. Conforme já mencionado na metodologia, elas citaram comportamentos que bastante resumidamente respondem ao objetivo principal da pesquisa. Adelaide dá especial importância à boa alimentação, exercício físico e militância nas redes sociais e conexão espiritual. Vêu de Noiva realiza atividades físicas de alta

intensidade e passeia com sua família da forma que for possível, enquanto Maria Clara cozinha, assiste vídeos de Autoajuda e conversa muito com seus filhos. Lírio da Paz medita com muita frequência, dá importância à espiritualidade, chama atenção de seu marido quando ele esquece de se cuidar e toma conta de uma horta, ao passo que Emília se alimenta de forma saudável, deixa de atender determinados clientes e procura manter convivência pacífica na sua família.

Se há alguma semelhança nas práticas adotadas por todas as participantes é a multiplicidade. São tantas as formas possíveis de manter alguma saúde própria em meio ao cenário de doença coletiva que os únicos que explicitamente se repetem são o cuidado com alimentação, exercício físico, interação com a família e comunhão espiritual. Tanto Adelaide quanto Emília destacam a importância de comerem saudavelmente, ao passo que Adelaide e Vêu de Noiva compartilham o costume de se exercitarem (yoga, caminhada e zumba no caso da primeira; triátlon no caso da segunda). Por outro lado, Lírio da Paz se aproxima de Maria Clara e Emília quando as três mencionam explicitamente como forma de cuidado de si o conviver com a família próxima. A conexão com a espiritualidade é ponto de encontro entre Adelaide e Lírio da Paz.

Já com enfoque nas diferenças entre os cuidados de cada uma, observa-se a presença de comportamentos emaranhados em tonalidades afetivas não apenas diversas, como opostas entre si: Lírio da Paz na meditação e Adelaide na militância via redes sociais, Maria Clara nos vídeos de Autoajuda e Vêu de Noiva nos esportes de alta intensidade, Emília deixando de atender parte da clientela e Maria Clara se sentindo disposta a trabalhar na cozinha por ainda mais tempo... Sejam quais forem as sensações evocadas em cada uma das atividades, desde a mais calmante à mais enérgica possível, todas parecem ter minimamente mantido a sanidade das mulheres entrevistadas. Lírio da Paz, especialmente, ressalta a potência sanadora do seu cuidado de si:

Boto o foninho no ouvido ali na meditação, que as vezes eu me relevo em outros planos. A ficar em outros planos. De não escutar ninguém. Às vezes eu penso que quando eu volto eu acho que eu dormi, eu fui num lugar lindo e voltei. Sem problemas, sem doença, sem nada. É o lugar que parece que eu me sinto bem. E só escuto o barulho de água. E nem tem água perto! Nem tem água perto, mas eu escuto o barulho da água (...). No começo, eu já fazia essa meditação antes da pandemia. Mas eu parei uns bons tempos, aí depois com a pandemia eu voltei. Eu voltei a meditar de volta porque com essa doença eu estava ficando muito assustada, nervosa... “Será que eu vou pegar?”. Então nisso eu acho que a meditação e fazer minhas orações tá dando certo. Me deixa mais calma, mais cuidadosa... muito mais cuidadosa.

A seção seguinte, sendo a última da presente análise, continua a evocar formas de cuidado, mas enfim as relaciona com propostas éticas ecofeministas. Neste sentido, acabaram sendo agrupados os cuidados citados mais diretamente relacionados à terra, à explícitas mudanças nos modos de viver e/ou aos movimentos coletivos que desde já materializam o que algum tempo atrás era somente utopia.

5.4 “Agora tem um monte de vaso na casa e antes não tinha vaso nenhum”

Pelo que dizem as entrevistadas, a pandemia não somente reafirmou a necessidade da retomada dos cuidados anteriormente já experimentados como saudáveis e importantes para a manutenção da vida, como também vêm significando transformações nas próprias formas de se colocar no mundo. É o caso da morada de Adelaide, antes com poucas plantas e agora cheia de presença por uma horta e vários vasos com flores:

Ah, eu fiz horta. E fui eu que comecei. Eu sou daquelas que agora tem um monte de vaso na casa e antes não tinha vaso nenhum. Tinha um vaso, agora tem um monte! E eu sempre tive o hábito de ter flores em casa. Antes eram flores no meu quarto, agora é flor na casa inteira! Até minha irmã, quando ela vai no mercado ela compra flores e eu faço os arranjos. A minha mãe vai regar as minhas plantinhas, entendeu?! Deu pra ver que faz falta pra todo mundo.

Muitíssimo semelhante aconteceu com Lírio da Paz, que intensificou os cuidados da sua horta pré-existente, e com Maria Clara, também repleta da companhia de vasos:

Ó, eu fico arrepiada porque eu comecei ver o mundo de outra forma. É tanto que se você for na minha área, eu posso até tirar uma foto e te mandar.... Eu tô com tanta planta! Eu não tenho um grão de terra, eu não tenho um quadradinho de terra na minha casa. Tipo, tem a casa e tem a área. Mas eu tô com tanto vaso! Sério, eu tô com uns 20 vaso! E eu não tinha. Tô vendo e realmente valorizando isso.

Nos casos de Emília e Vêu de Noiva, por outro lado, mudanças explícitas se deram de maneiras não obviamente relacionadas à convivência com seres não-humanos. Para a primeira, veio alguma aproximação dos próprios sentimentos e percepções, após longos períodos se preocupando bem mais com as questões de outras pessoas; para a segunda, a dolorosa convivência com os efeitos mais imediatos da Covid-19 escancarou uma reviravolta nas prioridades não apenas próprias, mas também de colegas de trabalho:

Pra gente principalmente da área da saúde, mudou muito. Porque a gente hoje vê assim: num plantão, em um plantão aqui, perto de mim, 8, 10 mortos. Em 12 horas. Então é muito alto. A gente todo mundo já mudou conceito, já mudou... Já quer trabalhar menos, já quer valorizar o estar junto. E a visão do dinheiro, do ter... O dinheiro mudou o valor pra gente. Ganhar dinheiro já não é o mesmo gosto. Acho que a gente preferia 12 horas em casa do que 12 horas dentro, dentro dessa rotina que a gente tá. Vendo 8, 10 pessoas morrendo... vendo várias pessoas sofrendo e você não ter nem material pra ajudar, entendeu? (...) A nossa visão mudou muito, mudou muito. A gente queria tar num churrasco no domingo, mas não tá saindo pra rua pra cuidar dessa situação que a gente tá vivendo. A gente não quer ir pra Europa, a gente só quer comer o churrasco com a família, entendeu? Porque agora não é mais dinheiro, entendeu? Não sei se você entendeu, a moeda não é mais dinheiro agora... A moeda nossa agora é qualidade de vida.

Seja via conexão mais bem cuidada com seres humanos e/ou não-humanos, os mencionados efeitos de conviver com a súbita aparição de um vírus parecem apontar para a “interdependência fundamental de todos os fenômenos e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza” (CAPRA, 1997, p.11). Ao dizer desta tal interdependência enquanto reflete sobre cuidados na pandemia, Emília exemplifica um provável mecanismo de realização da Covid-19 lançando mão de um episódio marcante na sua história de vida: o desastre nuclear de Fukushima, ocorrido no Japão em 2011.

Vamo levar um pouco mais além. Não tô falando sobre corona, veja bem. Cé lembra que no Japão teve aquele negócio lá de tsunami, não é? Teve negócio de química né, negócio assim, que aquilo dá câncer. Se aquele tsunami veio né, aquilo veio e tudo foi pro mar. Do mar, o peixe. Do mar, a alga. Um monte de coisa no mar. Nisso, o mar ele foi de um lugar para o outro, pra cá pra lá pra cá pra lá. Pode ter chegado na China também. Tudo. Então, também tem que colocar a parte disso. Eu acho que essa pandemia também vem de algum lugar.

A visão interdependente da vida na sua totalidade, evocada tanto por Emília quanto pelas ecofeministas (e muitas outras), vai ao encontro com o que André Silva e Gabriel Lopes (2020) nos relembram logo no início da presente pesquisa, quando afirmam que a Covid-19 é expressão dos profundos entrelaçamentos “entre humanos, animais não-humanos, dinâmicas biogeoquímicas e processos socioambientais complexos” (SILVA; LOPES, 2020, p. 2) que, por sua vez, “provocaram esta como as outras pandemias zoonóticas da história” (idem). Dos entrelaçamentos de Emília, Lírio da Paz, Adelaide, Véu de Noiva, Maria Clara, coronavírus, as plantas nas hortas e nos vasos, o mar, os peixes, as algas, China, Brasil, Japão, cada uma das vozes aqui resgatadas via literatura etc. é que se faz, então, uma mesma narrativa.

Neste sentido, nada mais condizente com a trama viva do que sendo em movimento coletivo que apareçam as vivências humanas mais transformadoras: Vêu de Noiva comendo a coletividade de profissionais da saúde responsáveis pelo combate à Covid-19 na linha de frente, Adelaide sendo parte de um projeto virtual preocupado com desenvolvimento territorial e transformação social de um município localizado em outro estado, Maria Clara acreditando na coragem das novas gerações em realmente construir um mundo mais justo, Emília se comprometendo em levantar o astral de todas pessoas que lhe vem ao encontro, Lírio da Paz distribuindo os brotos de sua horta às vizinhanças e comendo a rede social de um território muito bem articulado na lida com as consequências cotidianas da pandemia...

Como eu plantei essas hortaliça, então eu sai distribuindo pros vizinho, que eu sei que os vizinho vai precisar. Poxa, se alimentar bem... Ajuda também, alimentação ajuda também contra essa doença. Se cuidar com a imunidade do corpo da pessoa. Porque lá na minha rua a gente fez assim: quem tá precisando, se tiver precisando, coloca um lençol branco do lado de fora. A gente vai saber que aquela pessoa tá precisando de alguma coisa, de uma ajuda, de sair pra pagar conta, sair pra fazer uma compra pra ela. Aí a gente vai saber que ela tá precisando! E inclusive a minha irmã já fez isso!

As mais diversas vivências narradas pelas mulheres que participaram da pesquisa dialogam com o que nomeia Andrea Díaz Estévez (2019), respaldada pelo ecofeminismo crítico e construtivista da filósofa argentina Alicia Puleo. Ao situarem o cuidado no centro, se presentificam “como atenção e proteção tanto de nós mesmos como de tudo aquilo que nos rodeia” (DÍAZ ESTÉVEZ, 2019, p. 17). Neste sentido, encarar as vozes ecofeministas como “apelo a uma ética da ação pautada na cooperação, na percepção da interdependência e na solidariedade como condição para existência de um futuro” (BRONZO, 2020, p. 86) aqui significa exaltar o cuidado da vida em meio ao cenário mortífero da Covid-19, entendida como perpetuação brusca e pontualmente perversa do modelo civilizatório predatório já anteriormente em curso.

Pelas vozes das entrevistadas (que frequentemente sequer sabiam da existência do termo ecofeminismo) se configuram micropolíticas conduzidas por pessoas que, cotidianamente durante uma pandemia, se contrapõem à lógica capitalista-patriarcal via suas práticas e visões de cuidado. Em oposição à perpetuação da mesma ética violenta que negligencia o cuidado e devasta a terra, elas cuidam de si mesmas, do entorno e da comunidade. Alinhadas aos princípios da cooperação e da interdependência, elas existem e resistem ao chamado necropolítico da suposta necessidade de devastação da vida. A solidariedade, sendo condição

para futuros melhores, é tão generosa que oferece suas sementes desde já, sob a forma de revoluções na percepção do aqui, agora, no presente transformado pela pandemia e narrado pelas participantes. Para Maria Clara, viver mais despregada dos vícios urbanoides passa a ser possibilidade evocada pela reflexão pandêmica:

Me deu tipo até mais vontade de viver! (...) Eu nunca pensei que eu pensaria em querer morar num lugar pra plantar pra comer! Eu nunca pensei nisso na minha vida toda e hoje eu penso. Se eu tivesse, sabe, um sitiozinho num lugar longe, eu queria ter um carro pra emergência! Pra ir na cidade buscar uma coisa de emergência!

Semelhante reconexão com a vida na sua forma mais imediata transparece na fala de Lírio da Paz, quando ela reflete sobre o cuidado direto da terra.

Eu gosto de andar no meio do mato, eu gosto da natureza. Parece que a natureza traz mais privilégio pra gente, pensando bem. Ela pode dar coisas que a gente nem imagina. Você se dá com ela. Você se encontra com ela. Tudo isso... Daí, nessa pandemia, eu comecei a querer cuidar da terra! Porque é da terra que a gente vive. É da terra que a gente come. É ela que traz as coisa, os alimento pra gente, né? Então procurei plantar. Plantar flores, procurar plantar girassóis! A cuidar mais...

Emília, também implicada em cuidar da terra, enquanto exalta a benção das terras brasileiras dizendo que aqui “tudo que você cospe, uma semente de uma fruta, ela pega”, ressalta a importância do trabalho coletivo não apenas como perpetuação deste cuidado multifacetado, mas também como alternativa para empregar jovens em desânimo por presenciar o país desmoronando.

Esses recém-formado, tem que colocar aquele negócio de coração, aquele aparelho, nas árvores. Tem que pegar aquilo, colocar agulha e mandar esses jovens pra descobrir “ó, aqui tá com bicho. Então, tem que colocar alimento”. Tem que ter, tem tanta gente sem emprego! E vamos torcer para esse novo geração que são vocês jovens que consiga, entendeu, expandir, trabalhar, ter mais trabalho pra vocês. O passado antigo por exemplo que nem eu, que sou uma pessoa antiga, que já sou, eu já vou começar a parar de trabalhar. Que que a gente tem que fazer? Tem que pegar essa gente jovem e ensinar a ser uma pessoa melhor (...) Todo mundo falando assim “Ah, não tem emprego, não tem isso, não tem aquilo”. Mas pera aí. Por que que não inventa? Por que que não pega um grupo de pessoas? São que nem você, que tá fazendo essa pesquisa, que vai fazer parte de Psicologia, é Psicologia né? Pega grupo, pega uma sala, põe pra atender! Se você é de uma área, o outro também. Se munir sabe, estender a mão, o braço e falar “Olha, nós somos em quatro”.

Seja através da menção direta às próprias práticas de cuidado durante a pandemia, do singular narrar de formas de cuidar coletivamente nos seus mais variados formatos e de

sugestões de como continuar cuidando, as entrevistadas levaram à sério os princípios da cooperação e da interdependência. Neste sentido, a partir do conteúdo colhido nas entrevistas, se pode concluir que as formas como elas cuidam de si e dos entornos durante a Covid-19 se aproximam de uma ética ecocentrada e feminista. Já as ancestrais ações antrópicas devastadoras que contribuíram para o colapso social e ecológico recentemente traduzido na (mas não limitado à) pandemia do novo coronavírus; a conduta coletiva negacionista assassina exemplificada no Brasil pelo governo de Jair Bolsonaro; a lógica de base patriarcal que invisibiliza os trabalhos de cuidado e conseqüentemente relega às mulheres a precariedade que estes ocupam no mercado de trabalho; se pautam na competição e na violência irrefreada. Neste sentido, se distanciam das propostas ecofeministas. Ao contrário, as falas das cinco mulheres que se dispuseram a participar da presente pesquisa, bem como o respaldo da literatura aqui agrupada, apontam na direção do cuidado coletivo como princípio condutor da vida.

Aproximando as lutas feminista e ecológica na defesa inegociável do bem-estar de seres tanto humanos quanto não-humanos, uma ética ecofeminista é aquela que se contrapõe à hegemonia da negligência que faz morrer, enquanto organiza as relações sociais em torno do cuidado que faz viver. O conhecimento aqui produzido afirma a multiplicidade das experiências vivenciadas durante a Covid-19 quando reconhece, no mesmo tempo histórico, tanto práticas emergentes que se distanciam, quanto outras, que se aproximam de uma proposta ética ecofeminista. No que concerne ao cenário micropolítico evocado tanto pelas entrevistadas quanto por algumas das outras existências que elas mencionaram, o que se configura durante a pandemia são aproximações do que pauta o ecofeminismo como alternativa enfim saudável de cuidar da vida na Terra. Ainda assim, tal constatação não se dá o direito de alienar-se ao fato do cenário macropolítico brasileiro presentificar o terror: é justamente do caos, escancarado nas primeiras duas seções desta análise, que as participantes urgem resistência cotidiana enquanto entoam sobre suas práticas de cuidado.

6. ONDE ESTAMOS, PARA ONDE VAMOS?

“*Se a árvore tá podre, imagine nós: ecofeminismo e cuidado na pandemia*” cumpriu tanto seu objetivo geral quanto os específicos: compreendeu a forma pelas quais mulheres trabalhadoras cuidam de si mesmas e de seu entorno durante a Covid-19 (seções 5.3 e 5.4), bem como estabeleceu diálogos entre as vivências das diferentes participantes da pesquisa (todas as seções) e apontou possíveis distanciamentos/aproximações dos cuidados emergentes com uma proposta ética ecofeminista (seção 5.4). Neste sentido, a metodologia escolhida e a literatura agrupada foram suficientes para atingir o que se propôs. Além disso, também foram abordadas problemáticas não planejadas, mas que serviram para situar o tempo histórico e vivencial do qual falaram as entrevistadas (seções 5.1 e 5.2).

A seguir, são apontados alguns dos lugares de onde surgiram as falas delas. As vivências singulares de Adelaide, Emília, Lírio da Paz, Maria Clara e Véu de Noiva não podem (e nem pretenderam) ser generalizadas à todas as mulheres trabalhadoras sobreviventes da Covid-19 no Brasil. Constituem o microcosmo sobre o qual a pesquisadora se debruçou, preservando intimidade na lida com o material colhido através das entrevistas e dispondo de recurso mínimo suficiente para concretizar cada uma das etapas da pesquisa. Por mais que os principais conteúdos abordados tenham sido os mencionados pelas cinco entrevistadas, também foram mencionadas experiências de mais de 2.500 mulheres pelo país, através da síntese do relatório “Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia”. Com isso, o que se pretendeu foi ilustrar a multiplicidade inesgotável de experiências possíveis durante o período.

Por mais que os marcadores sociais impressos na corporeidade de cada uma das participantes não tenham sido explicitamente escancarados na análise, suas diferentes formas de ser no mundo e se mostrar na entrevista variaram principalmente conforme classe, raça, idade, local de moradia e etnia. Ainda que por vezes semelhantes, as concepções de cuidado das mulheres pertencentes a classes sociais pouquíssimo ou nada privilegiadas (Lírio da Paz e Maria Clara) diferem das pouco mais ou muito mais privilegiadas (Véu de Noiva, Adelaide e Emília). As primeiras sinalizam ocupar lugares informais de referência no cuidado de familiares e/ou vizinhança, ao passo que as segundas quando os ocupam é em menor grau e/ou em razão de um trabalho formal. As entrevistadas que se autodeclaram negras ou morenas (Lírio da Paz, Adelaide e Maria Clara), numa sociedade marcadamente racista e recentemente escravocrata

assumida como a brasileira, falam de lugares diferentes das que se autodeclararam amarela (Emília) ou branca (Véu de Noiva).

Por sua vez, as preferências das mais velhas (Emília, Lírio da Paz e Adelaide) diferem das mais novas (Véu de Noiva e Maria Clara). As primeiras manifestaram com muito mais frequência o desejo de falar sobre concepções coletivas do cuidar, enquanto as segundas o fizeram menos vezes. Já as moradoras da cidade de São Paulo (Adelaide e Emília) dizem de vivências contrastantes das moradoras de cidades menores (Maria Clara, Véu de Noiva e Lírio da Paz). Enquanto as primeiras sentem os efeitos mais devastadores e imediatos do alto número de casos de pessoas infectadas pela Covid-19, as segundas o sentem com menor expressividade (ainda que, mesmo assim, infelizmente grande em determinados momentos da pandemia). Já a participante naturalizada no Brasil (Emília) evoca vivências de um horizonte étnico-cultural diverso das brasileiras nascidas aqui (Lírio da Paz, Adelaide, Véu de Noiva e Maria Clara), quando foca em repassar táticas de cuidado gerais e fala menos sobre suas práticas específicas de autocuidado que as demais.

Ademais, variável chamativa foi a modalidade dos encontros que foram possíveis com cada uma das participantes, conforme suas disponibilidades. As entrevistas virtuais (com Véu de Noiva e Adelaide) se deram nos casos em que o laço afetivo entrevistada-entrevistadora estava pouco ou nada presente antes da ocasião, por serem pessoas previamente conhecidas apenas superficialmente ou desconhecidas pela pesquisadora. Já as entrevistas presenciais (com Lírio da Paz, Maria Clara e Emília) decorreram de alguma proximidade afetiva e/ou física maior entre as envolvidas.

Por fim, cabe explicitar a (já implicitamente ressaltada ao longo de todo o trabalho) relação da Psicologia com o tema explorado. O fazer psicológico foi abordado através de uma de suas bases principais, se não a principal: o cuidado. Ainda que as palavras típicas do cosmos psi tenham sido pouquíssimas entoadas e nenhuma abordagem desta área tenha sido aqui favorecida, a pesquisadora é psicóloga em formação e, como tal, exerceu sua escuta e olhar clínico tanto no encontro com cada uma das entrevistadas quanto na aproximação dos materiais componentes da pesquisa. (Às colegas curiosas: costumo encontrar na fenomenologia a substância metodológica de meu manejo)

Ao entrelaçar a Psicologia com a Covid-19 mesclando cuidado, ecologia, feminismo e política, o presente trabalho não apenas grita que tanto as árvores quanto nós estamos podres do mesmo paradigma genocida e ecocida de sempre, como também aponta para presentes-futuros de vida possível: recuperando nossa capacidade de respirar.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Carla Pontes; FLEURI, Reinaldo Matias. Lições da pandemia: aprender com outras epistemologias o cuidado coletivo com reciprocidade. **Revista de Educação Popular**, p. 268-280, 2020. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/56010>> Acesso em 9 de dez. de 2020.

ARMBRUSTER, Karla. “Buffalo Gals, Won’t You Come out Tonight”: a Call for Boundarycrossing in Ecofeminist Literary Criticism. In: GAARD, G. e MURPHY, P. **Ecofeminist Literary Criticism: Theory, Interpretation, Pedagogy**. Chicago: University of Illinois Press, 1998. p. 97-122.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BELLO, Carlos H. Ávila; CRUZ, Julieta Ma Jaloma. Crisis del COVID-19: encrucijada entre el modelo neoliberal de producción-consumo y la soberanía alimentaria. 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Carlos_Avila-Bello/publication/343726363_Crisis_del_COVID-19_encrucijada_entre_el_modelo_neoliberal_de_produccion-consumo_y_la_soberania_alimentaria/links/5f3c7878a6fdcccc43d31627/Crisis-del-COVID-19-encrucijada-entre-el-modelo-neoliberal-de-produccion-consumo-y-la-soberania-alimentaria.pdf> Acesso em 9 de dez. de 2020

BITETI, Mariane de Oliveira. Mulheres e política do cuidado em tempos de Covid-19. **Ensaio de Geografia**, v. 5, n. 10, p. 81-87. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ensaios_posgeo/article/view/43210> Acesso em 9 de dez. de 2020.

BOFF, Leonardo. *Covid-19: a Mãe Terra contra-ataca a Humanidade, advertências da pandemia*. São Paulo: Editora Vozes, 2020.

BRANDÃO, V. Você considera que esta pandemia da COVID19 é um sinal de alerta? *Rev. Longeviver*, Ano II, n. 7, Jul/Ago/Set. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/view/844/904>> Acesso em 2 de abr. de 2021.

BRONZO, Carla. Entre pisar suavemente na terra ou comer suas entranhas: as escolhas que fazemos nos definem. **NAU Social**, v. 11, n. 20, p. 81-89, 2020. Disponível em: <<https://cienciasmedicasbiologicas.ufba.br/index.php/nausocial/article/view/36557/21014>> Acesso em 6 de jun. de 2020.

CAPRA, Fritjof. *A Teia da Vida*. São Paulo: Cultrix, 1997.

CAROSIO, Alba. La ética feminista: Más allá de la justicia. **Revista venezolana de estudios de la mujer**, v. 12, n. 28, p. 159-184, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.org.ve/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1316-37012007000100009&lng=en&nrm=iso&tlng=es> Acesso em 24 de jun. de 2020.

CASTRO, Augusto. CPI da Covid é criada pelo Senado. Senado Notícias, 13 abr. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/04/13/senado-cria-cpi-da-covid> Acesso em 13 maio 2021.

CONASEMS. Protagonismo feminino na saúde: mulheres são a maioria nos serviços e na gestão do SUS. 2020. Disponível em: < <https://www.conasems.org.br/o-protagonismo-feminino-na-saude-mulheres-sao-a-maioria-nos-servicos-e-na-gestao-do-sus> > Acesso em 20 de jun. de 2020.

DE MORAES, Lorena Lima; SIEBER, Shana Sampaio; FUNARI, Juliana Nascimento. MULHERES LIDERANÇAS RURAIS, PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E TRABALHO DE CUIDADO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19. **Revista Inter-Legere**, v. 3, n. 28, 2020. Disponível em: < <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/21574> > Acesso em 9 de dez. de 2020.

DEL RÍO LOZANO, María et al. Cuidados y abordaje de la pandemia de COVID-19 con enfoque de género. **Gaceta Sanitaria**, 2020. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7256491/> > Acesso em 9 de dez. de 2020.

DEWES, João Osvaldo. Amostragem em Bola de Neve e Respondent-Driven Sampling: uma descrição dos métodos. 2013. Disponível em: < <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/93246> > Acesso em 16 de maio de 2021.

DÍAZ ESTÉVEZ, Andrea. Ecofeminismo: poniendo el cuidado en el centro. **Ene**, v. 13, n. 4, 2019. Disponível em: <http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1988-348X2019000400004> Acesso em 24 de jun. de 2020.

D'EAUBONNE, Françoise. *Le féminisme ou la mort*. Paris: Pierre Horay, 1974

FALEIRO, Marco. COVID-19: 12 estados e o DF enfrentam superlotação de leitos de UTI. Estado de Minas, 23 fev. 2021. Disponível em: < https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2021/02/23/interna_nacional,1240047/covid-19-12-estados-e-o-df-enfrentam-superlotacao-de-leitos-de-uti.shtml > Acesso em 28 de abr. de 2021.

FERRER-PEREZ, Victoria . Coping with the COVID-19 pandemic and its consequences from the vantage point of feminist social psychology (Afrontando la pandemia COVID-19 y sus consecuencias desde la Psicología Social feminista). **International Journal of Social Psychology**, v. 35, n. 3, p. 639-646, 2020. Disponível em: < <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/02134748.2020.1783839> > Acesso em 9 de dez. de 2020.

FURLANETO, Audrey; GARCIA, Rafael; MATINEZ-VARGAS, Ivan. Alta no número de enterros: representante do setor funerário diz que há risco de colapso. Extra, Rio de Janeiro, 25 mar. 2021. Disponível em: < <https://extra.globo.com/noticias/rio/alta-no-numero-de-enterros-representante-do-setor-funerario-diz-que-ha-risco-de-colapso-rv1-1-24940280.html> > Acesso em 10 maio 2021.

GARCÍA-PETIT MONSERRAT, Claudia Milena. COVID-19: la pandemia que revalorizó los cuidados y las redes de apoyo. Un estudio de caso sobre la Comunidad Valenciana. 2020. Disponível em: < <https://riunet.upv.es/handle/10251/151887>> Acesso em 9 de dez. de 2020.

GAARD, Greta; MURPHY, Patrick. Ecofeminist Literary Criticism: Theory, Interpretation, Pedagogy. Chicago: University of Illinois Press, 1998.

GALLETERO-CAMPOS, Belén. Las mujeres como impulsoras de transiciones ecofeministas hacia sociedades mas justas y diversas. Castilla-La Mancha como laboratorio de experiencias. **Investigaciones Feministas**, v. 11, n. 2, p. 381-383, 2020. Disponível em: < <https://go.gale.com/ps/anonymous?id=GALE%7CA634283487&sid=googleScholar&v=2.1&it=r&linkaccess=abs&issn=21716080&p=IFME&sw=w>> Acesso em 9 de dez. de 2020.

GÊNERO E NÚMERO; SEMPRE VIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA. Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. 2020. Disponível em: < <http://mulheresnapandemia.sof.org.br> > Acesso em 18 de nov. de 2020.

GILLIGAN, Carol. Uma voz diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.

GODINHO, Adriano. A responsabilidade civil do Estado pela morte indigna das vítimas da Covid-19. Migalhas, 16 mar. 2021. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/coluna/migalhas-de-responsabilidade-civil/341811/a-responsabilidade-civil-do-estado-pela-morte-das-vitimas-da-covid-19>. Acesso em: 5 mai. 2021.

GUGEL, Maria Aparecida. Nota pública de repúdio às declarações do ministro Paulo Guedes. Portal do Envelhecimento e Longevidade, 29 abr. 2021. Disponível em: < <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/nota-publica-de-repudio-as-declaracoes-do-ministro-paulo-guedes/> > Acesso em 24 de maio de 2021.

HIRATA, Helena. Globalização e divisão sexual do trabalho. **Cadernos pagu**, n. 17-18, p. 139-156, 2002. Disponível em:< https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332002000100006&script=sci_arttext&tlng=pt> Acesso em 22 de jun. de 2020.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742007000300005&script=sci_arttext> Acesso em 22 de jun. de 2020.

ILHABELA registra primeira morte suspeita por coronavírus. Tamoios News, 21 de maio de 2020. Disponível em: < <https://www.tamoiosnews.com.br/noticias/cidades/covid-19-ilhabela-registra-primeira-morte-suspeita/> > Acesso em 7 de maio de 2021.

KUHL, Nathalia. Longevidade é ruim para os cofres, diz Guedes: “Querem viver 100 anos”. Metrôpoles, 27 abr. 2021. Disponível em: < <https://www.metropoles.com/brasil/longevidade-e-ruim-para-os-cofres-diz-guedes-querem-viver-100-anos> > Acesso em 24 de maio de 2021.

LIMA, Andressa Lidicy Moraes; DE MORAES, Lorena Lima. A pandemia de Covid-19 na vida de mulheres brasileiras. **Revista Inter-Legere**, v. 3, n. 28, 2020. Disponível em: < <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/22562>> Acesso em 9 de dez. de 2020.

LUISA, Ingrid. Brasil, um possível celeiro de novas variantes do coronavírus. *Veja Saúde*, 15 abr. 2021. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/brasil-um-possivel-celeiro-de-novas-variantes-do-coronavirus/>. Acesso em: 28 abr. 2021.

MAGENTA, Matheus. Covid: Variante acelera intubação de jovens e SP orienta procurar ajuda no 1º dia de sintomas. *BBC News Brasil*, Londres, 19 abr. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56763719>. Acesso em: 30 abr. 2021.

MEDINA, Cremilda. Apontamentos do espanto na crise Covid-19. *Rev. Longevidade*, Ano II, n. 7, Jul/Ago/Set. São Paulo, 2020. Disponível em: < <https://revistalongevidade.com.br/index.php/revistaportal/article/view/839/899> > Acesso em 30 de abr. de 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde*. 2ª edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

MOTTA, Anaís. Mandetta, Teich, Pazuello e Queiroga: os 4 ministros da Saúde da pandemia. *UOL*, São Paulo, 16 mar. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/15/mandetta-teich-pazuella-e-queiroga-os-4-ministros-da-saude-da-pandemia.htm> Acesso em: 3 mai. 2021.

NAESS, Arne; SESSIONS, George. *Basic Principles of Deep Ecology*. California: The Anarchist Library, 1984.

NAVARRO, Joel.; CICILIOTTI, Mayara; SIQUEIRA, Luziane; ANDRADE, Maria Angélica. *Necropolítica da pandemia pela COVID-19 no Brasil: quem pode morrer? Quem está morrendo? Quem já nasceu para ser deixado morrer?*, 2020.

NODDINGS, Nel. *Caring: a feminine approach to ethics and moral education*. Berkeley: University of California Press, 1984.

OLIVEIRA, Carolina Alves Gomes; TIRIBA, Léa. Pandemia, crise de cuidados e democracia: o que aprender com quem cuida da vida?. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 6, p. 36-57, 2020. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/52376>> Acesso em 9 de dez. de 2020.

ONU MULHERES. *Gênero e Covid-19 na América Latina e no Caribe: dimensões de gênero na resposta*. ONU MULHERES, 2020. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-COVID19_LAC.pdf> Acesso em 6 de jun. de 2020.

PASSOS, Úrsula. “Mundo pós-pandemia terá valores feministas no vocabulário comum”, diz antropóloga Debora Diniz. *Folha de São Paulo*, 2020. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/mundo-pos-pandemia-tera-valores-feministas-no-vocabulario-comum-diz-antropologa-debora->

[diniz.shtml?fbclid=IwAR3xgGAHpVniQTA8wmDnszhK-jcDDmIkgx9e_OKFizGeW_DIbyJZ4Y82POE](#) > Acesso em 10 de maio de 2020.

PRIMEIRA morte por coronavírus no Brasil aconteceu em 12 de março, diz Ministério da Saúde. G1, 27 jun. 2020. Disponível em: < <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/27/primeira-morte-por-coronavirus-no-brasil-aconteceu-em-12-de-marco-diz-ministerio-da-saude.ghtml> > Acesso em 7 de maio de 2021.

PROFISSIONAIS da saúde se sentem esgotados e com medo. Jornal Nexo, 12 dez. 2020. Disponível em: < <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2020/12/12/'Profissionais-da-saude-se-sentem-esgotados-e-com-medo> > Acesso em 28 de abr. de 2021.

PULEO, Alicia. ?Qué es el ecofeminismo?. **Quaderns de la Mediterrània** 25, 2017. Disponível em: <https://www.iemed.org/observatori/arees-danalisi/arxius-adjunts/quaderns-de-la-mediterrania/qm25/what_is_ecofeminism_Alicia_H_Puleo_QM25_es.pdf> Acesso em 28 de maio de 2020.

RATHSAM, Luciana. Negacionismo na pandemia: a virulência da ignorância. Artigo escrito para Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Jornalismo Científico (Labjor/Unicamp), 2021. Disponível em: < <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2021/04/14/negacionismo-na-pandemia-virulencia-da-ignorancia> > Acesso em 3 de maio de 2021.

ROSA, André. Março é o mês mais letal por Covid-19 desde o início da pandemia no Brasil. CNN Brasil, 19 mar. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/03/20/marco-e-o-mes-mais-letal-por-covid-19-desde-o-inicio-da-pandemia-no-brasil>. Acesso em: 28 abr. 2021.

ROSO, Larissa. Profissionais de saúde se afastam para proteger pais e filhos durante a pandemia. GZH Saúde, 22 maio 2020. Disponível em: < <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2020/05/profissionais-de-saude-se-afastam-para-protetger-pais-e-filhos-durante-a-pandemia-ckaik1nc700m5015n6u61ljws.html> > Acesso em 4 de jun. de 2021.

SANTOS, Gabriela; LIMA, Rita de Cássia; BARBOSA, Jeanine; CICILIOTTI, Mayara; ANDRADE, Maria Angélica; Cuidado de si: trabalhadoras da saúde em tempos de pandemia pela Covid-19. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**, vol. 18, no. 3, 2020. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-77462020000300518&script=sci_arttext&tlng=pt> Acesso em 9 de dez. de 2020.

SILVA, André; LOPES, Gabriel. A pandemia de novo coronavírus e o Antropoceno. Agência Fiocruz de Notícias, 2020. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/40825/2/A%20pandemia%20de%20novo%20coronav%20e%20o%20Antropoceno.pdf>> Acesso em 6 de jun. de 2020.

SOARES DE SÁ, Acácia. Covid-19: o Estado pode ser responsabilizado por omissão?. Consultor Jurídico, (...), 27 jun. 2020. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2020-jun-27/acacia-sa-estado-responsabilizado-covid-19>. Acesso em: 5 mai. 2021.

SOUZA, Iriê Prado de; RANÍREZ-GÁLVEZ, Martha Celia. Os sentidos e representações do ecofeminismo na contemporaneidade. **Seminário de pesquisa em Ciências Humanas: Anais do [7] seminário de pesquisa em Ciências Humanas**, 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/IriePSouza.pdf>> Acesso em 2 de jun. de 2020.

TAVARES, Manuela. Ecofeminismo (S). Centro de documentação e arquivo feminista Elina Guimarães, 2014. Disponível em: <<https://www.cdofeminista.org/ecofeminismo-s/>> Acesso em 2 de jun. de 2020.

TORRES, Maximiliano. O ecofeminismo: “um termo novo para um saber antigo”. **Terceira Margem**, 2009. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/viewFile/11043/8059>> Acesso em 2 de jun. de 2020.

ULRICH, Claudete Beise; DE LA PAZ, Nivia Ivette Núñez; STRÖHER, Marga Janete. MULHERES EM TEMPOS DE PANDEMIA: A COTIDIANIDADE, A ECONOMIA DO CUIDADO E O GRITO UTERINO!. **Estudos Teológicos**, v. 60, n. 2, p. 554-572, 2020. Disponível em: <http://www.est.com.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/4101> Acesso em 9 de dez. de 2020.

UNFPA – United Nations Population Fund. COVID 19: Um olhar para gênero. Resumo Técnico. UNFPA Brazil, 2020. Disponível em <https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/Covid19_olhar_genero.pdf> Acesso em 20 de jun. de 2020.

ZOBOLI, Elma Lourdes Campos Pavone. El redescubrimiento de la ética del cuidado: el foco y el énfasis en las relaciones. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 38, n. 1, p. 21-27, 2004. Disponível em: <http://www.bioetica.org.br/library/modulos/varias_bioeticas/arquivos/Varias_cuidados.pdf> Acesso em 24 de jun. de 2020.

ANEXOS

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada participante,

Sou estudante do curso de graduação de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Estou realizando uma pesquisa intitulada “(Eco)feminismos e pandemia: a emergência de políticas de cuidado?”, orientada pela professora Beltrina da Purificação da Côrte Pereira.

Este estudo tem por objetivo geral compreender as formas pelas quais mulheres trabalhadoras estão cuidando de si mesmas e de seu entorno durante a pandemia Covid-19. Sua contribuição consistirá na realização de uma entrevista, com aproximadamente 1 hora de duração, sobre suas próprias vivências. Por se tratar de impressões íntimas que abarcam experiências singulares, não há uma resposta certa. A conversa será gravada para que as falas possam ser analisadas com mais atenção, mantendo assim a fidedignidade das mesmas.

A participação é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo. Na publicação dos resultados, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-la.

Você não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Mesmo a princípio não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo imensamente para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora Giulia Lorenzini Nogueira. Contato: (11) 96471-7199

Assinatura da Pesquisadora :

Eu, _____, declaro que entendi o objetivo da pesquisa e concordo em participar da entrevista. Estou ciente de que dados que permitam minha identificação serão omitidos a fim de garantir meu anonimato. Tenho ciência também de que posso encerrar minha participação na pesquisa a qualquer momento. Por fim, sei que este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada uma de nós.

Assinatura da participante:

São Paulo, ____ de _____ de 202__.

ANEXO 2

QUESTIONÁRIO PARA AS ENTREVISTAS

1. Como você cuida de si mesma durante a pandemia? E do seu entorno?
2. Suas práticas de cuidado mudaram em comparação ao que eram antes da pandemia? Se sim, como?

